



A vida de Marcelo não poderia ser melhor: pais legais, irmãos que se gostam e estão sempre juntos, uma namorada linda... Porém uma aula de biologia muda sua vida. Marcelo descobre que é adotado. E agora? O que fazer com toda a sua história? Nem a paixão pelos Beatles — os tais rapazes de Liverpool —, que herdou do pai, parece segurar a barra. Enfrentar essa situação não será fácil. Até porque ele percebe que terá de fazer isso sozinho. Mas como?

O RAPAZ QUE NÃO ERA DE LIVERPOOL • CAIO RITER



BARCO
A VAPOR

O rapaz que não era de Liverpool

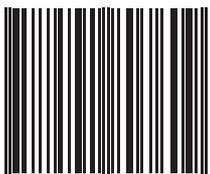
Caio Riter



PRÊMIO
BARCO
A VAPOR

1 6 7 6 2 0

ISBN 978-85-418-0760-9



9 788541 807609





BARCO
A VAPOR

O rapaz que não era de Liverpool

Caio Riter



© Caio Riter, 2005

Edição executiva: Graziela R. S. Costa Pinto

Coordenação editorial: Malu Rangel

Preparação: Bruno Zeni

Revisão: Márcia Nóboa Leme, Carla Mello Moreira
e Gislaíne Maria da Silva

Edição de arte: Natalia Zapella

Ilustração de capa: Graça Lima

Produção industrial: Alexander Maeda

Impressão:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Riter, Caio

O rapaz que não era de Liverpool / Caio Riter. — 2. ed. — São Paulo :
Edições SM, 2015. — (Barco a vapor / Série vermelha)

“Prêmio Barco a Vapor 2005”

ISBN 978-85-418-0760-9

1. Literatura juvenil I. Título. II. Série.

15-02367

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura juvenil 028.5

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

1ª edição 2006

2ª edição 2015

2ª impressão 2018

Todos os direitos reservados a

EDIÇÕES SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 2111-7400

www.edicoessm.com.br

SUMÁRIO

1	<i>Just look into my eyes</i>	9
2	<i>The world is treating me bad. Misery.</i>	23
3	<i>Help me get my feet back on the ground</i>	43
4	<i>Lend me your ears and I'll sing you a song</i>	57
5	<i>All the lonely people, where do they all come from?</i>	75
6	<i>Let it be, let it be, yeah. There will be an answer, let it be...</i>	89

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

*Para Laine: por todos os motivos.
E por muito mais.
Para Helena e Carolina: nossos sonhos.*

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● 1

*JUST LOOK INTO MY EYES...*¹

— NÃO, MARCELO, você não nasceu de mim!

Ela disse. Falou o que eu queria-temia escutar. Falou. As palavras foram claras. Sem sombras. Sem dúvidas. A confirmação ali, naquela frase tão simples. Tão. Não era minha mãe. Não era. E, no entanto.

Estendeu a mão. A mão que muito carinho já me fizera. A mão. Tremia? Queria ser toque. Acarinhar meu cabelo, daquele jeito calmo que eu tanto gosto. Gostava.

Leve toque em meu braço.

Fugi.

Lágrimas nos olhos dela. E nos meus.

Fugi para o meu quarto.

Único abrigo naquela casa que agora me parecia por demais estranha. Ela não era minha mãe. Mas e se? Não, não era. Suas palavras, naquela voz que não tremeu,

¹ Cada capítulo da história que você vai ler é aberto por versos de canções dos Beatles. Este primeiro é de "Any time at all" (1964). Como o protagonista adora Beatles e cita muitos versos das canções, títulos das canções e dos CDs, padronizamos da seguinte maneira: as canções vão entre aspas, os versos das canções em itálico e os títulos dos CDs, também em itálico. [N. da E.]

naquela voz que, talvez, havia muito tempo desejasse ser, e foi, revelação, não deixavam dúvidas. *Você não nasceu de mim.* De quem, então? Ela respondeu apenas à primeira, à principal, pergunta. Muitas outras agora me invadem e, tenho certeza, me invadirão para o resto da vida.

Você não nasceu de mim. E ponto. Final.

De quem, então?

Eu não sou eu. Não sou o Marcelo. Ou sou?

Meus irmãos não são mais meus. Nunca foram. Meu pai também não. Tudo falso, uma grande mentira. E dói. Vida de fantasia. Ficção, como diz a professora de literatura como último argumento contra aqueles caras chatos, com suas perguntas cretinas, a exigirem lógica de um texto, quando lógica não pode haver. A ficção, a poesia: elas não têm lógica. A vida também não. Só agora descubro. Eu mesmo personagem de uma história inacreditável, querendo respostas que talvez nem minha mãe tenha. Quer dizer, aquela que eu acreditava ser minha mãe, aquela que agora chora na sala. A Inês.

Passo os olhos pelo quarto: as paredes na cor que escolhi, as miniaturas de automóveis acumuladas nesses quinze anos de vida de mentira, meus livros, meus CDs, os quatro garotos de Liverpool, que no quadro feito por mim viraram cinco. Tudo, e nada.

Sou um nada.

A batida na porta. Leve, nós dos dedos, querendo mas temendo ser interrupção. As lágrimas vêm. Bebo o sal. A voz:

— Marcelo.

Escondo a cabeça sob o travesseiro. Não quero ouvi-la.

— Meu filho, abre.

Não abro. Você mentiu. Me enganou. Não sou seu filho.

— Abre, meu filho, precisamos conversar.

Dói saber que ela está ali, que ela está sofrendo. Sento na cama. Eu sofro também. Não posso abrir, não quero, não agora. Ela insiste. Bate. Me chama de meu filho. Me atiro sobre a cama de novo, só quero ficar ali, atirado, olhos que fitam o teto e buscam nele alguma resposta, um consolo talvez. Não quero meus olhos nos olhos dela, pelo menos agora não.

Meu pai, meus irmãos, minha casa, minha mãe, nada é meu de verdade. Sou só eu, só eu. Só.

— Meu filho, por favor, abre.

— Agora não. Me dá um tempo — consigo dizer. Um tempo, preciso de um tempo para. Sei lá para quê. Sei lá. Sei é nada. As palavras dela a dizerem que eu não nasci dela. A suspeita que eu desejava não confirmada ali entrando em mim como faca em mão traiçoeira. Minha família não existia de fato.

— Está bem, Marcelo. Depois falamos.

Os passos afastaram-se, lentos. A cabeça dela talvez também quisesse explodir como a minha. Por que não negou? Por que não seguiu mentindo? Não seria melhor? Agora talvez ligasse para o meu pai. Ele largaria seus afazeres, deixaria a namorada na mão, sexta-feira à noite, e viria correndo tentar, como sempre, ajeitar aquilo que arrumação não tinha mais. Meu pai?

Na foto dos garotos de Liverpool, ele é o primeiro a atravessar a rua. De terno branco. Nós o seguimos, firmes, sobre a faixa de segurança. A mãe, eu, a Maria e o Ramiro. Como sempre. *Na ordem em que entraram na minha vida*, dizia aquele que eu acreditava ser meu pai. E ria, e nos abraçava, e nos queria tão bem que não conseguíamos perceber de qual ele gostava mais. Se é que isso existia. Meus amados. Era assim, bem assim, que nos chamava. Desde sempre, e ainda hoje.

Nem quando resolveram se separar, sofri como agora. Os dois reunindo a gente na sala, revelando que o pai iria sair de casa, que ele e a mãe tinham resolvido assim, que seria melhor para todos nós. Eu, o Ramiro e a Maria nada entendendo. O pai abraçando cada um de nós, dizendo que nada iria mudar, que seguiríamos amigos.

[CENA 1] **A separação**

Maria foi a última a sentar-se na sala. Veio do quarto devagar, parecia já saber o teor da conversa que teríamos. Pegou a mão da mãe e baixou a cabeça, deixando os cabelos esconderem o rosto, os olhos claros, como sempre fazia quando alguma coisa a incomodava. Silêncio. A TV desligada, uma motocicleta cruzando a rua em parada. Era uma noite de quarta-feira.

— Tá, estamos todos aqui — eu disse. E se disse foi por saber que eu era o filho mais velho, foi por me sentir na obrigação de abreviar tudo aquilo. O pai olhou para

a mãe. Ela deu um sorriso meio acanhado e ao mesmo tempo encorajador, como se dissesse *Tá, Pedro Paulo, vai, fala*. E ele falou:

— Olha, meus amados, eu e a Inês temos conversado, não é de agora, sobre o nosso casamento. E reunimos vocês aqui para comunicar algo bastante importante.

Maria ergueu a cabeça e seus grandes olhos azuis buscaram acolhimento nos meus. Todos, na verdade, já sabíamos o que nosso pai iria anunciar. Maria, talvez, fosse a menos preparada para ouvir. Olhos já brilhantes pelas lágrimas que ameaçavam saltar no momento em que nos fizessem ouvir a decisão. Deles.

— Bem, é que — prosseguiu, o rosto passeando pelos nossos, que o fitávamos, até mesmo Maria desistira de mim e agora cravava os seus azuis nos azuis do pai. Tentativa, quem sabe, de fazer com que ele desistisse. Engano dela. Ele não faria isso. — É difícil, foram dezoito anos de convivência, vocês são e serão sempre minha família, mas é que...

— Você está indo embora. É isso? — Maria, voz meio falhada, uma lágrima já escorrendo pelo rosto. A mãe apertando firme sua mão.

— É isso, meus amados. É isso — suspiro profundo.

— Minha filha — era a mãe que falava — seu pai vai ser sempre seu pai. Pai de todos vocês. Mas, enfim, as coisas que começam às vezes terminam. E com a gente ocorreu assim, eu e Pedro Paulo não nos amamos mais, não como marido e mulher, nos amamos só como amigos.

— É isso, é isso — concordou ele.

A mãe seguiu dizendo que, depois de muito conversarem, optaram pela separação. Não valeria a pena ficar junto só por ficar, só para manter aparências.

— Vocês já são bem grandes, são capazes de entender, não?

— Entender a gente entende. Mas não me peçam pra gostar — Maria disse, entre soluços. Ergueu-se, foi até a janela. De lá, voltou-se, o rosto em desafio a olhá-los.

— Olha — era eu de novo, na obrigação de falar, afinal era o filho mais velho. — Não sei direito o que vocês esperam da gente. Compreensão? Aprovação? A gente nunca percebeu nada de errado. Vocês perceberam? — A pergunta era para meus irmãos, que me olharam e nada responderam. Minha mãe buscou refúgio nos olhos do meu pai. Ele permaneceu com os dele fixos em mim. Prossegui. — Vocês, como o pai bem disse no início desta conversa, já decidiram. Portanto, este encontro é só para comunicar. O que eu, a Maria ou o Ramiro pensamos desta separação não fará a mínima diferença.

— Não é assim, meu filho.

— Não, mãe? Quer dizer que, caso a gente peça, implore, chore ou sei lá o quê, vocês podem mudar de ideia?

— Marcelo, você está sendo infantil. E você é o mais velho.

— Discordo, pai. Estou apenas mostrando pra vocês que nossa opinião não interessa. Vocês vão se separar e pronto. Não é assim?

— É, meu filho, é — minha mãe sentou-se ao meu lado. Afagou meu cabelo, toque que eu tanto gosto. Abraçou o Ramiro, mudo, meio abobalhado diante da perspectiva que se apresentava. Tão envolvido com seu grupo de teatro amador e suas atividades beneficentes que nem percebia que os nossos pais não se amavam mais. O que teria mudado? O pai ou a mãe teriam se apaixonado novamente? Pensei em perguntar, mas achei que tal pergunta só complicaria as coisas ainda mais.

— O Marcelo tem razão — era Maria, de novo. Após suspirar fundo, talvez para buscar forças, disse: — Que pais se preocupam com o que os filhos pensam quando resolvem se separar? Eu não conheço nenhum. Por que vocês seriam diferentes?

— Não seja injusta, Maria. Vocês estão de cabeça quente. Precisam de um tempo pra pensar, para se acostumar com a ideia. — Meu pai se ergueu, abraçou cada um de nós, disse que sempre e sempre seria nosso pai, que nada mudaria isso, que continuaríamos sendo uma família e que a única diferença é que não moraria mais conosco. Só.

— Só? — suspirou Ramiro.

Nossos pais decididos, fomos para nossos quartos com a certeza de que agora seríamos, como vários colegas de escola, filhos de pais separados. Deitei, nos ouvindo a música dos Beatles, os olhos parados no teto. Pais separados não devia ser o fim do mundo. O Cristiano não tinha seis meses quando os dele se separaram? E

nem por isso ele morreu. Morreu? Era um cara bacana, de bem com a vida. Devia haver coisas bem piores do que a separação dos pais. Devia. Só que eu, naquela época, não conhecia.

Me arrasto pela cama, estendo a mão até a estante, pego um CD ao acaso. Enfio no aparelho, que o engole, pressiono o botão. Música dois: “With a little help from my friends”. Com uma ajuda dos meus amigos. Os rapazes de Liverpool cantam pra mim.

My friends, my family. Meus amigos, minha família.

Vai demorar muito para o meu pai chegar? Além dos dois, quem sabe que não sou filho deles? A vó? A dinda Letícia? Todos terão participado da brincadeira, com certeza. Como não desconfiei antes? O único que não tinha fotos da mãe grávida para levar à escola, quando a professora pedia. Fotos minhas, quando bebê, havia. Muitas. Mais que do Ramiro ou da Maria. Mas aquelas, mãe com o ventre enorme, arredondado, que enfeitavam as paredes da sala de aula da pré-escola, ah, aquelas eu nunca vi. *Perdemos todas numa mudança*, mentiu Inês na ocasião em que lhe perguntei. Tudo perdido. *Foi uma pena*, confirmou Pedro Paulo. Os dois, talvez, até tivessem se olhado, cúmplices. Quem sabe naquela noite, sozinhos no quarto, não tenham comentado o sufoco que passaram com a minha pergunta. A mentira-resposta certamente já prevista e ensaiada havia muito tempo, mas o momento fora imprevisto. Como a pergunta que lancei a ela na sala.

— Mãe, eu sou seu filho?

— Como assim, Marcelo? — Os olhos azuis desviados, meio bêbados, a procurar algo, que nem ela mesma sabia ao certo, pela sala. Queria ganhar tempo, pensar uma saída para a arapuca que eu lhe havia preparado.

— Eu nasci de você? — Tentei ser mais explícito. Tentei deixar claro que queria saber se era adotado. Queria a verdade. Só a verdade. E ela veio.

— Não, Marcelo, você não nasceu de mim!

Eu não nasci dela. Não.

Impressionante isto: por vezes, a vida da gente dá uma guinada louca, nos conduz a um lugar que jamais seria possível pensar alguns momentos antes e que, por outro lado, aos poucos, passa a ser uma possibilidade, através das pistas que vamos colhendo aqui e ali. Um mais um e vem a soma derradeira: dois. Um mais um é sempre dois. Sempre.

A ausência das fotos, a cor da pele e dos olhos, sinais negados quando criança e que, após a aula de biologia, foram tomando a forma de tormento, de certeza. Uma certeza, entretanto, que era só minha. Não partilhada com ninguém. Certeza que ia se fazendo dúvida, e poderia ter sido sempre assim, caso eu não ousasse fazer a pergunta. Mas eu fiz. E ela foi sincera. Pela primeira vez. Quem sabe pela ausência do Pedro Paulo, nossa segurança. Ele, talvez, a censurasse. *Por que não me ligou? Por que não me consultou, Inês? Você não podia ter tomado tal decisão sozinha. Não podia. Como é que você foi dizer pro Marcelo que ele é adotado? Como, Inês?* E ela, entre choro e tentativas de explicação, toda

confusa, pedindo desculpas, dizendo estar desesperada. *E o Marcelo como está?*

Todavia, Inês deixara o coração falar e a mentira de quinze anos foi desfeita diante de mim. Nós dois na sala. Nós e a verdade. E eu, como estou? Pergunta que todos se farão. Pergunta que eu me faço também. E não encontro resposta clara. Como estou?

A noite se aproxima. Temo ter de passar por ela.

Batem na porta.

— Sou eu, mano.

É o Ramiro. Meu irmão. Será que já sabe da verdade? Não respondo. Gosto demais dele pra deixar que a dor, a raiva, a angústia ou sei lá o que sinto agora seja atirado sobre ele. Agora não, Ramiro, prefiro ficar sozinho. Só eu e a verdade.

Ele não insiste. Meu irmão.

A little help from my friends, acompanho a música. A palavra *help*, um socorro, vibrando dentro de mim. Meus olhos percorrem a cômoda. Estão todos lá. Meus amigos de escola, meus pais, o Ramiro e a Maria. Todos. Os verdadeiros, agora, acho que apenas os amigos. *My friends*. E a DJ.

DJ. Ela precisa saber. Precisa. Quem mais poderá ouvir a dor que anda solta bem dentro de mim, senão ela? Quem mais? Olho seu sorriso emoldurado no porta-retrato preto que ela me deu no dia do meu aniversário. A DJ. Só ela. O traço de lápis negro ao redor dos olhos escuros. O sorriso.

Ergo o fone. Disco o número. Do outro lado, sua voz rouca me acolhe.

[CENA 2] **O dia de DJ**

A aula era de literatura. A que eu mais gosto. A professora lia para nós um poema do Affonso Romano de Sant’Anna, “Me ame apenas/ no preciso instante/ em que me amas”, quando ela entrou na sala. Meio acanhada, talvez pelo atraso, talvez pela escola nova, professora, colegas, talvez por, como depois me confessou, estar odiando estar ali. O poema suspenso, os olhos todos voltados para ela: a nova colega.

— Com licença — a voz rouca rompeu o silêncio. A turma emudecida continuava com os olhos fitos na estranha. Muito estranha, aliás, com suas roupas pretas. A camisa e a saia num tamanho maior que o necessário, as botas pretas até as canelas, o cabelo pintado de preto com uma ou outra mecha rosa, pequenas notas de cor naquele corpo parado à porta, no aguardo de uma palavra.

A professora sorriu. Meio sorriso, fechou o livro, como se só naquele momento se desse conta do que ocorria. Sorriu de novo, apontou um lugar vazio. Ao meu lado.

— Sente ali.

— Obrigada — e ela arrastou a mochila, preta, é lógico, até o lugar. Sentou-se. — O poema que a senhora estava lendo é lindo.

Voltei meu rosto para ela. Uma garota que curtia poesia. Gostei. Apesar de parecer que ela tinha saído de um filme de terror, gostei do comentário. Da coragem do comentário. Não que a minha turma desgostasse de poesia, não, não por isso, mas por ela, ali, sozinha

naquele ambiente novo, já se sentir segura para dizer o que disse. Eu não teria a mesma coragem.

A professora, então, sorriu por completo. Perguntou:

— Qual é o teu nome?

— Daniela. Daniela Jardim.

— Bom, pessoal, esta é a nova colega de vocês. A Daniela — e voltando-se para nossa nova colega, concluiu:

— Seja bem-vinda, Dani.

— DJ — corrigiu a garota.

— Certo, DJ, já que você também gosta de poesia, vamos seguir a leitura.

A professora abriu o livro. Prosseguiu.

Eu, de fato, até hoje não sei se amei a DJ no primeiro dia que a vi, lá, parada na porta, ou quando ela demonstrou gostar de poesia, ou quando disse que também curti os Beatles. Não sei quando comecei a amá-la. Só sei do amor que foi se fazendo, se fazendo e me tomou. A DJ. A poesia. “Me ame apenas/ no imenso instante/ em que te amo.”

No outro lado da linha, a DJ levanta o tom da voz.

— O que você está me dizendo, Marcelo. Adotado? Como assim? Pare de brincar, garoto.

DJ é assim mesmo. Toda vez que perde o domínio da situação, ou que algo não faz sentido, me chama de garoto.

— Não é brincadeira. Você acha que eu ia brincar com algo assim?

— De onde você tirou isso, garoto?

— A minha mãe confirmou. Eu perguntei, e ela confessou. Disse que eu não nasci dela.

Sigo falando de minhas antigas desconfianças, na verdade surgidas havia pouco menos de um ano. A ausência das fotos de gravidez, a desculpa furada (perderam só as minhas, e as do Ramiro e da Maria não?), a aula de biologia sobre os fatores dominantes, coisa e tal.

— Sabe as tais leis de Mendel? Pois é.

— A dona Inês pode estar só brincando. A minha mãe vira e mexe faz esse tipo de brincadeira. Tudo quanto é pai e mãe faz, não me pergunta por quê, mas eles adoram dizer que a gente é adotado, que acharam a gente na lata de lixo, essas coisas.

— Não é brincadeira, DJ. Nem minha nem da minha mãe. Mãe, mãe, está difícil de chamar de outro jeito! Estou desesperado, DJ. Não sei direito o que fazer, o que pensar. Desde que ela me falou, me tranquei aqui no quarto. Resolvi te ligar, sei lá, achei que queria te dizer — e aí a voz engasga. No outro lado da linha, está a guria que amo. Longe de mim, neste momento. Longe.

— Celo. Você tá bem?

— Tô.

Respondo e já me arrependo. Por que será que a gente faz sempre assim: o mundo desabando sobre a cabeça da gente, mas, se alguém nos pergunta se estamos bem, sempre respondemos que sim, tudo bem. É óbvio que não estou nada bem. A DJ não é burra, sabe que não estou legal. Quem é que, de repente, fica sabendo que é adotado e acha tudo tranquilo? Quem?

— Não chore.

A voz rouca pede. Pede mas não consegue fazer. Chora ela também, lá longe, num bairro bem distante do meu. Chora, a minha linda. Choramos juntos, por muito tempo. Longo tempo.

● 2

*THE WORLD IS TREATING ME BAD. MISERY.*²

NÃO SEI. Sei lá, acho que não preguei o olho a noite toda. Que se foi, passou. Ninguém mais, depois do Ramiro, bateu na porta, e a noite foi se fazendo escura pela janela que não ousei fechar. Um vento fresco balançando as cortinas.

Bastava a porta.

Olhos ardidos, não sei se do choro ou da noite maldormida. E agora a claridade de sábado invade tudo. Durante a noite, vez ou outra ouvia ruídos pela casa. Não fui o único, creio, a não dormir.

A noite acaba, nova manhã. A porta não poderá se manter fechada, eu sei, mas falta coragem para me erguer, ir até o banheiro. Um banho, quem sabe, diminuiria o calor dos pensamentos. As interrogações se sucedem, se alternam, se combinam, sem trazer qualquer possibilidade de resposta que me faça levantar. Me viro de bruços,

² “Misery” (1963). [N. da E.]

abraço o travesseiro, penso na DJ. Queria ela aqui. Quem sabe não poderia ser luz? Nós dois ligados pelo aparelho, choro duplo, dor estendida. Preciso me erguer.

Levanto.

Olhos castanhos fitos no espelho. Como cenário, a estante com meus livros. O *Dom Quixote*, que ganhei de aniversário da dinda, capa em brochura, livro antigo, aqueles de sebo, preciosidade maior em minha pequena biblioteca. As miniaturas de automóveis. O quadro com os garotos de Liverpool.

Caminho pelo quarto, como se ele fosse totalmente estranho. No entanto, tão familiar.

A porta fechada.

A janela que se abre para o dia.

O quadro.

Nós cinco lá. Antes tão legal, hoje sinônimo de traição. Fui traído. O problema maior talvez esteja mesmo aí. Poderiam ter me dito sempre, desde o início. *Olha, Marcelo, você é um filho diferente, filho do coração, entende?*

Eu entenderia. Entenderia? Claro que entenderia.

Ou não?

Me atiro sobre a cama de novo. Meio ninho. Vazio. Sem abraço de pai ou de mãe. Olho o teto. Nunca na minha vida olhei tanto para este teto. Acho que conheço todas as suas saliências, manchas, pequenas rachaduras, antes tão imperceptíveis. Há rachaduras também em mim.

Meu pai não veio ontem. Talvez tenha vindo. Talvez Inês não tenha deixado ele vir até aqui. Afinal, eu não quis falar com ela. Nem com o Ramiro. E poderia?

O quadro: cinco atravessam uma rua qualquer de Liverpool. Seguem firmes, determinados, sobre a faixa que lhes garante a segurança. Preto e branco intercalados. John, na frente, assume o rosto do Pedro Paulo. Paul, descalço, é duplicado. Se os rapazes de Liverpool eram quatro, nós éramos cinco: Pedro Paulo, Inês, eu, Maria e Ramiro. Um dos Beatles precisaria ser duplicado para a realização da minha ideia. Escolhi Paul. Não me pergunte por quê. Talvez por estar descalço ou, quem sabe, pelo motivo mais óbvio: era o terceiro na sequência, como eu acreditava ser na ordem familiar. Depois, a Maria. Assim, eu e ela assumimos o corpo de McCartney.

O quadro na parede.

O atestado da falsidade.

Ele mesmo me dando conta de que os garotos eram quatro, sempre quatro, para sempre, até a separação. Toda a banda terá sua Yoko. Toda a família terá seus segredos. E eu fazia parte de um deles sem saber. Hoje sei. E aí?

Toca o telefone. Atendo antes que alguém o faça.

— Oi, Celo — diz DJ ao ouvir meu alô. Percebo que, em algum outro local da casa, alguém também tirou o fone do gancho, logo recolocando-o no lugar. Talvez minha mãe, a Inês, no aguardo de alguma decisão do Pedro Paulo. Talvez. — Você passou bem a noite? Está fazendo o quê? E seus pais, já falou com eles?

Rio.

Pela primeira vez, depois de saber a verdade, rio.

— Calma. Uma pergunta de cada vez.

DJ ri também.

— Quero ver você — diz ela.

— Hoje à tarde, pode ser?

— Na sua casa?

— Não, não — digo —, melhor um lugar sem paredes. No Parcão? Às três, pode ser?

— Tudo bem.

E me manda um beijo, e diz que está do meu lado, e diz que me ama. Como se eu não soubesse. Desligo e sorrio uma segunda vez nesta manhã. É bom ter a DJ.

Levanto.

Escolho um livro da estante. Algumas palavras literárias podem, quem sabe, me dar algum carinho, alguma resposta. Escolho, ao acaso. A vida talvez seja mesmo essa combinação, ora sofrida, ora alegre, entre escolhas e acasos. Onde eu teria lido isso? Ou seria invenção minha mesmo?

Sento diante do computador desligado. Uma vontade enorme de escrever uma outra história para mim. Não esta que vivo hoje.

Abro o livro.

Antes de mergulhar em suas palavras, um último olhar para os garotos de Liverpool em sua trajetória pra lugar nenhum. A foto capturando eles entre uma calçada e outra, na segurança das marcas que impedem que os carros os abatam. A foto. Nós cinco em segurança.

Nem toda a faixa, entretanto, garante a travessia segura. Carros podem desrespeitá-la. E aí? Dor, morte, sofrimento.

Um automóvel arranca e se joga contra os cinco. A resposta: *Não, Marcelo, você não nasceu de mim.*

[CENA 3] **A foto**

Andava navegando em busca de informação sobre os Beatles. Queria descobrir algo novo para passar para a DJ. Estava naquela fase de impressioná-la. E quando vi a foto, capa do disco de 1969, os quatro atravessando a rua, surgiu a ideia: fazer um quadro com ela, em que os rostos dos Beatles fossem substituídos pelos da minha família.

O disco: *Abbey Road*.

John, Ringo, Paul e George. Eram quatro, os Beatles.

Salvei a foto e, com o auxílio da imaginação e dos meus conhecimentos de informática, dupliquei Paul. Nós, minha família, ou pelo menos aquela que eu acreditava ser minha naquela época, éramos cinco. Um a mais. Devia ter me dado conta: um a mais. Um de nós não fazia, na verdade, parte daquela cena *beatle*, um de nós era alienígena. O que eu não desconfiava era que o estranho no ninho era eu.

No aparelho de som, tocava “Let it be”. Na minha cabeça, a ideia cada vez mais tomando forma. Nós seríamos os Beatles. Meu pai, na frente, de terno branco, como John. Depois vinha minha mãe, no corpo de Ringo. Mais atrás, passos firmes, apesar de descalços, destoando dos demais rapazes de Liverpool, Paul em dose dupla, e a seus corpos o meu rosto e o da Maria foram

acrescentados. No final da fila, o Ramiro se incorporava ao corpo do último rapaz: George.

Tanto tempo passei em frente ao computador, em segredo, buscando requintes de perfeição, cuidando de todos os detalhes. Queria fazer surpresa aos meus pais e irmãos. Quem sabe não era mesmo desejo de partilhar minha paixão pela música dos rapazes de Liverpool com aqueles que eu mais amava? Vai saber. O fato é que concluí a montagem. *The Beatles* era agora composto por cinco pessoas: minha família. Imprimi uma pequena foto para cada um deles e uma grande, do tamanho da capa do antigo LP que eu tinha comprado com a mesada numa daquelas lojas de discos que o Pedro Paulo gostava de frequentar. Disco que eu guardava como relíquia daquela época em que os bolachões, como chamava meu pai, eram enormes, pretos, com um furo no meio e que, a cada meia hora, precisavam ser virados, para que o lado B fosse ouvido.

Da foto grande, fiz um quadro. Moldura e vidro antirreflexo. Pendurei na parede do meu quarto.

Minha família.

Até a pergunta: *Mãe, eu nasci de você?*

Só hoje, a desconfiança se faz certeza: os garotos de Liverpool são quatro. Apenas quatro. Eu não sou de Liverpool. Eu, o estranho. Eu, o adotado. Aquele que faz parte de uma história que ele próprio não conhece.

Largo o livro. Passos decididos, talvez a primeira decisão necessária após a verdade, paro diante do quadro.

Retiro o quadro da parede.

Retiro a moldura do quadro.

Retiro a foto.

Pedaço de papel, apenas.

Olho, pela última vez a montagem tosca que fiz. Já não percebo nela os requintes de perfeição que apontam todos que a veem.

— Bah, Marcelo, ficou perfeito! — era Maria. Ou DJ. Ou meus pais. Ou qualquer um que admirasse minha invenção.

Mas, não. Vocês se enganam. Se olharem bem de perto, verão que é tudo falso, tudo parte de uma série de montagens. Não, nada é perfeito. Nem poderá nunca ser.

Pego a pequena tesoura e amputo um dos Paul McCartney da foto. Retiro aquele que no passado foi colocado ali de forma falsa. Aquele que estampa minha expressão feliz.

O estranho.

O estrangeiro.

O rapaz que não era de Liverpool.

Guardo-o no bolso e giro a chave na porta. O corredor está vazio, mas vozes vêm da cozinha.

Sigo para lá.

Eles estão em volta da mesa. Menos a Inês que, ao ouvir o ex-marido dizer *Bom-dia*, volta seus olhos azuis para mim. Sorri. Diz o que talvez julgue melhor dizer, escolhe o cotidiano, na intenção de despistar com a rotina o que precisa ser dito: *Meu filho, o café está pronto. Senta.*

Fico parado. A cena da família de comercial de margarina me incomoda. Se alguém a avistasse de longe ou caso ela fosse filmada ou estivesse numa tela de TV, quem a visse certamente não conseguiria evitar o comentário: *É uma família feliz*. De longe, do sofá da sala, ninguém pode saber o que vai por dentro de mim. Nem eles.

— Precisamos conversar — diz Pedro Paulo —, mas é melhor você se alimentar antes, Marcelo.

— Você dormiu aqui? — Sou pergunta. E, mal acabo de pronunciar as palavras, me arrependo. Não quero que pensem que me importa se o Pedro Paulo veio na véspera ou se apenas hoje resolveu apagar o incêndio. Ele responde.

— Sim.

— E por quê? — Insisto. Que droga. O que há comigo?

Ele me olha bem dentro dos olhos, porém não tem tempo de dizer o que gostaria, pois Maria ergue a cabeça. Me fita com aqueles enormes olhos de desafio:

— Ora, Marcelo, por que será, hein? Você, aliás, não só você, mas todos nós ficamos sabendo o que ficamos sabendo e você acha que o pai dormiu aqui por quê? Por que ele e a mãe voltaram? Será?

— Maria! — a repreensão vem. Pode ter demorado, mas vem nas palavras da Inês. — Não é momento para ironia, filha.

— E é momento pra quê, então? — pergunta ela. Olhos agora na mãe.

— Momento de entendimento.

Pedro Paulo faz sinal com a cabeça para que eu me aproxime, para que sente com eles, afasta a cadeira da mesa. Ramiro chama: *Vem, mano*.

— Preciso de um banho — digo e dou as costas. Quatro pares de olhos azuis decerto me acompanham e buscam me reter. Mas não. Quero adiamento.

Acho.

[CENA 4] **As ervilhas**

A aula era de biologia. As leis eram as de Mendel. Gregor Mendel, um monge austríaco que, por sete anos, no século XIX, trabalhando com simples pés de ervilhas, descobriu as leis da hereditariedade que revolucionaram a biologia e traçariam as bases da genética. Seus estudos ficaram ignorados por toda sua vida.

Melhor que tivessem ficado durante a minha também. Sei lá.

A ideia, até certo ponto, era simples, disse meu professor. Mendel cruzou e produziu híbridos de plantas com características distintas: ervilhas amarelas com ervilhas verdes, por exemplo. Ele descobriu que, miscigenando ervilhas de cores diferentes, não ocorria uma fusão de cores. Os novos exemplares na verdade mantinham as características primeiras.

— Quer dizer — DJ perguntou — que, mesmo cruzando as ervilhas verdes com as ervilhas amarelas, seguiam nascendo ora ervilhas verdes, ora amarelas?

— É, DJ, mais ou menos isso. Na verdade, Mendel descobriu que características herdadas são passadas igualmente por cada um dos pares. Ao invés de se misturar, elas se mantêm separadas. É a lei da segregação.

Naquela aula em que todos ouviam fascinados, e afinal íamos percebendo que, como as ervilhas, também éramos fruto das características de nossos pais, foi que fui me dando conta de coisas que antes tinham me passado despercebidas.

Há, disse o professor, características dominantes e recessivas.

— Olhos azuis são recessivos.

A água morna desce por meu corpo como carinho de mãe. Não sei se daquela que tive e que, na verdade, não contribuiu com sua carga genética para formar este corpo que agora busca relaxar em contato com o jato forte, que bate em minha cabeça e desliza pelo corpo todo, ou da outra: aquela que não conheci, a que não tive, sabe-se lá por quê. Não tinha condições? Não tinha desejo? Não tinha amor?

Sento no chão cinza do boxe. Devo enfrentar a verdade. Devo fazer as perguntas todas. As que estão em minha mente e as outras que vão surgir. Preciso saber quem eu sou afinal de contas. Eu tinha outro nome, outra família, outra casa?

Eu tinha outra história. Tinha. Qual?

A história da cor dos olhos na aula de biologia, eu atrás do professor pelos corredores, a DJ não entendendo nada e nem eu querendo dizer, só ansioso pela

confirmação: era aquilo mesmo que eu tinha entendido? Era? Olhos azuis eram recessivos, ervilhas amarelas também.

Nunca vi uma ervilha amarela. Só verdes.

Aquele gosto adocicado, grão que se desmancha na boca. Detesto ervilha. Detesto ter que ir até a cozinha. O melhor seria mesmo fugir, ir embora. Mas para onde?

Como posso olhar nos olhos deles? Como podem olhar nos meus e ainda me chamarem de filho se tanta mentira plantaram? Uma vida inteira de enrolação. Me fizeram acreditar em algo que não sou.

Inês gosta de ervilhas, mas não as coloca na salada de batatas.

A água cai, apaga do meu rosto o sal do choro.

Cantarolo: *Here comes the sun.*

Só um verso. O sol vem chegando. Um apenas e me levanto e desligo o chuveiro e puxo a toalha verde e felpuda com suave aroma de amaciante. Passo-a na cabeça, seco meus cabelos, deslizo-a pelo peito, pelas costas, por todo o meu corpo, bem devagar. Já seco, me encontro, olhos avermelhados, no grande espelho. Lá dentro, um outro eu me fita. Quem é aquele que me olha? Quem?

Marcelo. Eu ou alguém que não sabe nada de si mesmo?

Me visto. Penteio o cabelo com as mãos. A Inês não gosta, diz que fica com aspecto feio.

Chave que gira na fechadura. Mão na maçaneta.

Saio.

[CENA 5] A questão

O professor entrega o trabalho. Eu cheio de perguntas a fazer, mas sem a coragem necessária. *Atenção às questões. Todas as respostas devem ser justificadas e argumentadas. Ok? Mãos à obra.* Sentou-se atrás da mesa. O trabalho podia ser em trio. A DJ e o Cristiano puxaram suas mesas ao encontro da minha. Lemos a questão em voz alta:

A herança da cor do olho na espécie humana em geral é representada simplificada como um par de alelos, “A” (dominante, determinando cor castanha) e “a” (recessivo, determinando cor azul). Baseando-se nessa explicação, analise a afirmação abaixo, proferida por um casal que tem olhos azuis em relação à cor dos olhos de seu bebê, verificando se ela tem fundamento: “Nosso bebê poderá ter olhos castanhos, porque as avós têm olhos castanhos”.

— É óbvio que sim — eu disse e justifiquei. — Meus pais, os dois, têm olhos azuis e os meus são castanhos.

A DJ e o Cristiano concordaram. Haveria prova maior? Mas bastou eu indicar a resposta para que a dúvida se instalasse em mim. Aquela história das fotos perdidas me veio à mente mais uma vez.

Certeza maior, no entanto, só quando o professor, lá na frente, deu o veredicto:

— A afirmação, pessoal, é falsa. Olhos azuis são recessivos, isso significa que um casal de olhos azuis — dois indivíduos “aa” — não poderá ter um filho de olhos castanhos — “AA” ou “Aa”. Afinal, cada um deles sempre contribuirá com um “a”, gerando um filho “aa”. Entenderam?

Sim, eu tinha entendido.

A DJ e o Cristiano não comentaram nada, nem quando a aula acabou e eu saí porta afora atrás do professor.

Sim, Marcelo, é isto mesmo: um casal de olhos azuis não produz olhos castanhos. O inverso sim.

O inverso sim.

Erro de cálculo deles. Se tivessem pensado nas leis de Mendel, a ficção que inventaram para mim teria vida longa, nenhuma aula de biologia seria capaz de pôr abaixo a mentira tramada desde o dia em que resolveram mudar a minha história me fazendo filhos deles. Por que mesmo?

— Já adiamos muito essa conversa, não? — Pedro Paulo pergunta ao me ver de volta à cozinha.

— Quinze anos — respondo. Sento à mesa. Ramiro me sorri e começa a falar da nova peça que está ensaiando para apresentar para umas crianças carentes de uma favela. Há tantas em nossa cidade. Talvez eu devesse viver numa delas. Não aqui.

— Legal, Ramiro — digo, antes que Inês sente à minha frente, mãos ocupadas em dobrar e redobrar um pano de prato. Ramiro prossegue. Porém, com um leve

toque em seu braço, ela parece lhe dizer que o momento não é para isso. Tensão. Encaro-a, falo — Ontem você me confirmou algo de que eu vinha há bastante tempo desconfiando. Não sou filho de vocês.

— Você é nosso filho, Marcelo.

— Não como o Ramiro e a Maria.

— Como eles, sim — Pedro Paulo intervém. — Não há diferença alguma, Marcelo, embora você queira vê-la. Não há.

— Eu não nasci de vocês, e vocês mentiram esse tempo todo. Passei a vida acreditando numa história que não existe, me fizeram acreditar que eu faço parte de uma família que não é a minha — meus olhos se enchem de lágrimas. Os deles também. Só Maria me fita, firme, um certo lampejo de indignação, ou de raiva, sei lá, no olhar.

— Não diga besteira, Marcelo — diz ela.

— Maria! — Pedro Paulo a repreende.

— Olha aqui, Marcelo, vou dizer uma coisa: você tem que agradecer todos os dias o fato de terem adotado você. Você podia estar numa pior, cara.

— Ah, estava demorando a alegação de que fizeram um ato de caridade. Ato de caridade com quem? Comigo ou com eles que queriam ter um filho e foram tendo, sem pedir permissão para o maior interessado?

— Quanta besteira!

— Maria, seu pai já pediu — Inês interfere. — Se quiser continuar participando desta conversa, vai ter que se segurar um pouco.

— Mas, mãe, ele está cometendo uma enorme injustiça.

Inês a repreende, diz que o momento é mais pra eu falar, diz que querem me ouvir, saber o que penso, o que estou sentindo. Maria faz uma expressão de indignada, sai da mesa, escora-se na janela. Talvez sua vontade seja jogar sobre mim tudo o que está ao alcance das mãos. Que mais terá para me dizer? Para ela é fácil. É filha legítima, não deve favor a ninguém. Tem olhos azuis. Como os deles.

Abre-se um momento de silêncio.

Inês livra-se do pano de prato, parece mais fortalecida para o embate. Que sabe que virá. Nada será fácil. A mão livre sobre a mesa espera um toque meu. Que não virá. Ela sabe.

— Marcelo, ao escolhermos você para ser nosso filho jamais pensamos em magoá-lo, em mentir para você, sempre agimos pensando no seu bem, em vermos você bem. Hoje, sabemos que erramos. Não devíamos ter negado a você a verdade. Mas está feito. Agora você sabe tudo.

— Não sei nada. A única coisa que você me disse foi o que perguntei. Sei que sou adotado, mas e daí? E antes disto? De onde eu vim?

— Isso importa? — Pedro Paulo pergunta. — Para nós nunca importou, meu filho.

— Pois para mim importa. Quem são meus pais verdadeiros?

— Não sabemos.

Olho para eles. Como assim, não sabem?

Mais uma mentira? Temem que eu os abandone e vá em busca de meus verdadeiros pais. É isso? Inês prossegue:

— Queríamos muito um filho. E sempre esteve em nossos planos a adoção. Por isso, quando já estávamos casados havia uns três anos e eu ainda não tinha engravidado, embora não houvesse nenhum impedimento físico, resolvemos adotar um bebê. Entramos numa lista de espera de adoções. Quatro meses depois fomos apresentados a você. Jamais soubemos quem eram seus pais, até porque, meu filho, nunca duvidamos da nossa paternidade e do amor que começamos a dedicar a você no exato momento em que pusemos nossos olhos sobre aquele bebê tão pequenino, tão miúdo. O nosso Marcelo.

Ela fala, toca meu braço de leve, e as lágrimas inundam seu rosto. A mão macia, leve roçar de dedos temerosos do carinho, descansa em mim.

— Seus irmãos foram desejados. Assim como você, meu filho. Mas você foi escolhido, entende? Isso faz uma grande diferença.

— Faz sim — digo. — Uma grande diferença. Vocês não têm ideia de como estou me sentindo.

— A gente imagina, Marcelo — diz Ramiro. — Mas fica sabendo que mesmo que você não queira, você vai ser sempre o meu irmão. — E levanta, sai da cozinha correndo. Ouço a porta do quarto que bate. Tenho vontade de ir atrás dele.

Fico.

— O que você pretende, Marcelo? — Pedro Paulo me olha. A mão firme em meu outro braço.

— Não sei. Não sei.

Recuo a cadeira e suas mãos ficam paradas sobre a superfície fria da mesa.

Não sabem de meus pais. Talvez nem eu mesmo queira saber. De fato, pouco importa. Ou não? Terei irmãos de verdade? Que tipo de vida levam? Perguntas, perguntas, perguntas. Uma vida cheia de interrogações sem respostas se abre diante de mim. Eu que sabia me chamar Marcelo, que tinha família, endereço e tudo o mais. O que tenho eu agora?

Só a DJ.

Olho para o grande relógio com marcadores de frutas e hortaliças. Quero que as horas passem logo. Preciso ver a minha garota. Logo, senão sinto que vou sufocar.

As palavras do Pedro Paulo rompem o silêncio que se abate sobre nós:

— Tem ouvido Beatles?

Ele se lembrou dos Beatles. Foi com ele que aprendi a amar a banda dos garotos de Liverpool. Era criança ainda, quando entrei na sala e vi aquele que eu julgava ser meu pai tão entregue à música. Quis ser como ele, quis sentir o que ele sentia.

Respondo:

— Sim. Sobretudo “Misery”.

[CENA 6] A peça teatral

Há um ano, mais ou menos, acho que alguns meses antes da separação, o Ramiro anunciou a surpresa. Foi num almoço de domingo. Ele havia entrado para um grupo de teatro amador da escola que numa sexta-feira próxima iria apresentar uma peça de Shakespeare: *Sonho de uma noite de verão*.

— Eu vou ser o Puck.

— O duende? Sério? — Inês riu. — Um filho ator, que genial. Mas por que não nos disse nada, Ramiro?

— Queria fazer surpresa. E depois não sabia se ia dar certo.

— Mas aposto que o Marcelo sabia. — Disse minha mãe, voltando os olhos para mim. Ri. Neguei.

— Não, não sabia de nada. Estou surpreso também.

Ramiro sorriu. Sentia-se bem, naquela ocasião. Tão jovem ainda e tão certo do que fazer. Era legal perceber como estava bastante envolvido com a montagem do cenário ou com a criação do seu figurino. Maria tentava auxiliá-lo, mas, como sua paciência sempre foi bastante limitada, era comum vê-la saindo do quarto do meu irmão aos gritos, porta batida com força. A mãe perguntando: *Mas o que foi que houve agora, Maria?* E ela: *Ah, esse guri é um chato*. Porém logo estava ela lá de volta. Gostava de ajudá-lo. Dar ideias era com ela mesma.

Os dias seguintes foram de expectativa. A mãe levando-o todas as tardes para os ensaios, que ficaram mais intensos. Até que o dia chegou.

Anfiteatro lotado.

As cortinas vermelhas e pesadas foram se movendo vagarosamente.

Brilho nos olhos da minha mãe. Do meu pai. A família toda ali, nas cadeiras, com certeza mais apreensiva do que o nosso ator.

Um salão de um palácio suntuoso se revela diante de nós. O jovem Teseu entra. Sua noiva Hipólita ergue-se, sorri quando ele toma suas mãos e as coloca no próprio peito: *É chegada a hora de nosso casamento, formosa Hipólita. Quatro venturosos dias nos trarão uma nova lua...*

Nossos olhos, no entanto, pelo menos os meus, aguardavam a entrada do pequeno duende Puck. O Ramiro fazendo teatro. Quem diria. Segredo guardado a sete chaves e que agora se revelaria a nós, sua família. E se revelou.

Revelou-se no preciso instante em que, no segundo ato, cenário modificado, um bosque verdejante de árvores artificiais misturadas a galhos frondosos conseguidos com o zelador da escola, além de muitos vasos de samambaias dependurados por todos os cantos, o duende Puck entrou em cena. Uma garota loira, colega do Ramiro, corria em círculos simulando um voo. E ele, Puck: *Olá, jovem fada, por onde você tem andado?*

Não era o meu irmão. Era, de fato, Puck.

Atrás de mim, ouvi o comentário da minha vó, que se repetiu muitas vezes durante a peça e tantas outras vezes:

— Nem parece o Ramiro. Ele virou outro. Virou outro. Mal sabia eu que um dia também viraria outro.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● 3

*HELP ME GET MY FEET BACK ON THE GROUND*³

SOBRE A CAMA, a imagem recortada.

Escolho um CD dos rapazes. Quero algo leve, algo que me tire deste sufoco em que me encontro. Bom mesmo seria mergulhar, águas límpidas, sem desejo de retorno, só as ondas me levando para bem longe, sabe-se lá para onde. Aportar numa praia deserta: areia branca, sombra, nada, nem nenhuma preocupação além de se manter vivo, como aquele Robinson Crusóé. Preocupações ele até tinha, mas nada comparável ao que vivo hoje.

A casa da dinda no litoral seria um bom esconderijo. Será que ela já soube? Seu rosto é convite, quando me sorri em imagem da memória. A casa da dinda não seria lembrança daqueles tempos de infância? Tempos em que eu nada sabia sobre a dor de não ser.

Ramiro entra. Uma bandeja com suco de laranja e um sanduíche de tomate e alface. Não diz nada.

3 “Help” (1965). [N. da E.]

Deposita o prato, certamente preparado por Inês, sobre a mesinha de cabeceira e senta-se a meu lado. Cabeça baixa.

— Fica frio, está tudo bem, Ramiro — minto.

Ele ergue os olhos de um azul bastante escuro, cílios longos. Olhos que muito sabem de mim, sempre. Meu irmão. Queria tanto poder chamá-lo de irmão e irmão dele, de fato, ser. Não esse arremedo de família que inventaram para mim.

— Mano, eu... sei lá o que dizer, eu... a mãe e o pai contaram pra gente ontem também e... olha, Marcelo, não mudou nada. Nada mesmo.

— Eu sei.

— Tá difícil, né?

— Muito.

Estico o braço, apanho um CD: *Yellow submarine*. Quem sabe não embarcar nele e permitir que me leve por *mares nunca dantes navegados*? Seria uma solução, sair solto, leve, viajando no submarino amarelo, no submarino amarelo. Afundar. Encontrar um mundo novo, fascinante, cheio de se-reias, cheio de tesouros. Um ou outro perigo a enfrentar, nada que se compare ao que estou vivendo.

— Passei a noite pensando, pensando, Ramiro. É tudo muito estranho, sabe? A gente passa a vida toda acreditando em algo e de repente a dúvida vai se instalando, vai crescendo e apenas uma frase pode revelar uma outra verdade. A verdadeira. — Aperto os lábios, olho para ele.

— Como é que eu posso ajudar, mano? — A mão pega a imagem cortada. Um dos Paul foi amputado da cena. Eu. Ele observa sem dizer nada.

— Não sei. Não sei nada. Tô com umas ideias aqui, mas nada certo ainda. Acho que preciso de um tempo, sabe? Me afastar de tudo. Poder pensar sobre mim — sorriso. — Crise total.

— Não podia ser diferente, podia? — Ele larga a imagem recortada sobre a cama.

Não respondo. Aos meus ouvidos chegam os primeiros acordes de “Only a northern song”. Depois virá “All together now”, depois “Hey bulldog” e assim por diante. Sei tudo. Conheço a sequência exata das músicas de cada CD dos Beatles, só não conheço a minha sequência. Meu passado, meu futuro. Só o presente. E ele não é nada agradável.

— À tarde vou encontrar a DJ.

— Ela está sabendo?

— Está.

— O pai e a mãe estão sofrendo muito — ele diz, olhando com falsa casualidade a capa do CD.

— Eu também — contraponho.

Ramiro suspira. Fundo demais para um garoto da idade dele, sofrido demais para um cara que poucos dias antes era só alegria com seu grupo de teatro e os espetáculos beneficentes em que se envolve com tamanha garra. Como se transforma esse garoto mirrado quando sobe num palco. Vira outro, costuma dizer minha avó. Vira outro.

— Todos estão sofrendo — diz ele. — Todos.

[CENA 7] **O desarme**

Aula de matemática. A professora, com seu mau humor costumeiro e suas apressadas palavras, a explicar que entre os números inteiros existe uma infinidade de outros números e coisa e tal. Falava de intervalos, e a turma, em sua maioria, desatenta. Outras eram as preocupações. Eu mesmo, olhos presos na DJ. Ela, quem sabe, a única a prestar atenção às palavras matemáticas. E a professora, a todo momento, interrompendo-se para solicitar silêncio. *Vocês não querem nada com nada mesmo, não é?* A chantagem era sempre sua carta na manga. Já estávamos acostumados. Sabíamos o que ela diria agora: *E eu aqui, me preocupando, me esforçando para que vocês prestem atenção, que aprendam.* O que não sabíamos, com certeza, é que, naquela manhã, a DJ ergueria a mão. E falaria.

— Pois não — disse a professora, e os olhos se somaram aos meus na atenção à DJ. Silêncio total.

— Olha, *sora*, a senhora não pode partir do princípio de que todos os alunos aqui estão pouco se importando com a matéria. Não é verdade — a mulher a ouvia em silêncio, talvez querendo prever aonde aquela menina de preto queria chegar. — Está na hora de a gente parar de pensar que todo aluno é inimigo do professor ou que só viemos às aulas para passar o tempo. Ou também que todo professor só tem em mente ralar os alunos. Não é assim.

— Ah, não? Que bom saber que alguém pensa diferente. — A professora, mãos apoiadas na mesa, perguntou. — Qual é o seu nome mesmo?

Puxa, a professora fazia todo aquele discurso e nem sabia o nome de seus alunos. Alunos para os quais ela dava aula já havia alguns meses. Certo, não dá para saber o nome de todos, mas como esquecer a DJ?

— DJ.

— Na lista de chamada não há ninguém com esse nome — disse a professora, e seus olhos pairaram, irônicos, sobre a turma, que permanecia quieta.

— É que na chamada está o nome que meus pais escolheram.

— E qual é?

— Daniela. Daniela Jardim.

— Então é isto o que você pensa, Daniela? Que há alunos que querem aprender?

— Isto mesmo. Aliás, não tenho dúvida, *sora*. A senhora jamais vai conseguir a atenção de todos. Ainda mais se vier armada para a aula. Se desarma, *sora*.

Eu não acreditava. Eta guria corajosa essa DJ. *Se desarma*, *sora*. Falou assim, na boa, suavidade na voz, sem raiva, sem agressividade alguma. Talvez, por isso, a professora tenha sorrido. Sei lá. Uns minutos em silêncio. Depois retornou ao quadro, palavras menos apressadas, rosto mais sereno, e retomou a explicação sobre os tais intervalos. Havia muita coisa neles.

Eu começava a aprender.

Viver num intervalo.

Ser outro. Não a gente. Não aquilo que pensamos ser. Ninguém talvez seja realmente o que vemos ou o que a

própria pessoa acredita ser. O que quer ser. A Inês e o Pedro Paulo acreditavam ser meus pais. Acho que ainda acreditam. Eu acreditava ser filho deles, irmão da Maria e do Ramiro. A tal família de comercial de margarina.

— Você não se sente mais da nossa família, não é?

Olho para o quadro desfeito. Na parede, a marca da sua ausência. Não respondo. As evidências, diria o comissário Maigret, personagem do Georges Simenon, estavam todas à mostra. Não tive o cuidado, e talvez não quisesse mesmo, de esconder as pistas de minha atitude: o papel recortado sobre a cama, a moldura e o vidro escorados na parede, a ausência do Paul duplicado.

Bebo o suco. Como o sanduíche. Meu corpo começa a dar sinais de que estou vivo.

— Estão preparando alguma outra peça?

— Ensaando, escolhendo texto. Talvez *Alice no país das maravilhas*.

— Quem você vai ser? — pergunto, a boca cheia de pão e tomate.

— O gato.

Deve ser bom ser gato. Eles têm sete vidas. Se uma não dá certo, é só morrer e nascer de novo. Gatos são bichos que não se apegam a nada, dizem.

Mas tem gente que contesta.

O sorriso do gato da Alice.

— Legal — comento.

E Ramiro se empolga. Talvez queira que nossa conversa tome o rumo das tantas que já tivemos, coisa de irmãos que outra preocupação não têm a não ser falar

sobre suas coisas, suas descobertas: a primeira paixão, o primeiro beijo, as estranhas coisas que vão surgindo em nosso corpo sem que, num primeiro momento, as entendamos e que com a mãe e o pai são difíceis de conversar.

Muitas vezes.

Agora ele não confia nada. Apenas fala das atividades que seu grupo realiza com o dinheiro conseguido com as peças.

— Vamos ajudar um orfanato no próximo mês. Você podia ir com a gente. Não quer?

Um orfanato? Logo um orfanato. Faltou sensibilidade nesse convite, Ramiro.

— Não. Não quero.

Na mesa do almoço, digo:

— Estou pensando em passar um tempo na casa da dinda Letícia.

— Por quê? — pergunta meu pai, ou melhor, Pedro Paulo. Difícil isso de ficar mudando a forma de tratar as pessoas. Difícil.

No entanto, necessário.

— Estou precisando de um tempo para pensar.

A costureira troca de olhares entre os dois. É ela quem fala:

— Se você acha que será bom para você, meu filho.

— Acho.

— A Letícia vai ficar feliz em receber você por um tempo.

— E o colégio? — Maria os olha desafiadora.

Eu respondo:

— Não posso estar em dois lugares ao mesmo tempo. Logo...

— Se fosse eu, duvido que vocês deixassem faltar à aula por qualquer motivo besta.

— Motivo besta? — eu, de novo. — Motivo besta? Meus pais não interferem.

— Besta é você, garota, que não é capaz de ver um centímetro além do seu próprio nariz. Você não está se dando conta do que está acontecendo?

— Não tem motivo pra tanto drama. Você não é nenhum coitadinho, ouviu? Fica aí se fazendo. Amadurece, cara. Pensa.

— Quer trocar de lugar, quer? — pergunto, mas Pedro Paulo não permite que Maria responda. Fala calmo, porém firme:

— Chega, Maria. Chega, Marcelo. Quem decide sobre vocês ainda somos eu e a Inês. — E voltando-se para mim: — Vou ligar para a Letícia. Acho que não vai haver problema algum você passar uns dias na casa dela.

Maria se ergue da mesa, sai.

Minha mãe... Inês a segue.

— Precisamos conversar, minha filha — ouço ela dizer.

Espero que o tempo passe, atirado sobre a cama. Agora arrumada. Inês deve tê-la ajeitado. Deve ter sido ela quem colocou a imagem recortada sobre a mesa do computador, dobrou meu pijama, que agora descansa aos meus pés. Tudo normal.

Aparentemente normal.

Normal seria eu me erguer, ligar o computador e entrar em contato com a galera pela internet. Tarde de sábado, momento para combinar a balada da noite. Estranharão minha ausência?

Não sei.

Sei tão pouco. Nada sei.

Nem Beatles estou querendo ouvir. Só quero o silêncio. Dentro de mim, porém, um mundo de vozes falam, falam, falam. E não se entendem.

Sou uma Torre de Babel. É isto: uma Torre de Babel.

E o tempo, que sempre voa, hoje anda numa lentidão sem tamanho. Uma hora e quinze, e o encontro com a DJ é só às três. Só às três. Me ergo, pego uma folha de papel em branco, uma caneta.

Escrevo:

Minha DJ, estou mal. Da rua, vem o som de vozes de crianças que brincam alegres na praça. São felizes, não sabem de mim nem de nada. Nem querem saber. Brincam inocentes em seus mundos de faz de conta, como um dia eu brinquei, tu brincaste, ele brincou, nós brincamos.

Bobagem.

Vou conversar com ela daqui a pouco. Para que escrever? Minha professora de português sempre diz que escrevo bem, que meu vocabulário é rico, que vou ser escritor quando crescer.

Bobagem.

Crianças seguem em suas brincadeiras de sábado à tarde. E nós, nesta casa, talvez estejamos todos solitários, em nossos quartos, aguardando algo que nem nós sabemos direito o que é. Uma solução para o que não há.

Do outro lado da cidade, a namorada do Pedro Paulo certamente irritada com a ausência dele. E ele aqui, sem saber direito o que fazer, tão próximo da ex-esposa que a outra deve sofrer ainda mais. Filhos aproximam ou separam casais? Imagino ela pegando o telefone, discando para o celular dele. Só a secretária eletrônica atendendo, as mensagens todas caindo na caixa postal.

Do outro lado da cidade, a minha namorada se prepara para o encontro. Às três, no Parcão.

A carta.

Toque na porta.

— Está aberta. Pode entrar.

Pedro Paulo sorri.

— A Letícia disse que está te esperando. Pode ir quando quiser.

— Você falou pra ela o motivo?

— Não. Deveria?

— Não, não. Pode deixar, eu mesmo falo.

— Certo. Se precisar de alguma coisa, chama. Vou ficar por aqui neste fim de semana.

Sacudo a cabeça em afirmação. Ele fecha a porta. Me deixa novamente com os ruídos alegres da rua e a carta que espera minhas palavras.

Escrevo. Meio sem saber por quê.

Escrevo.

[CENA 8] **The Beatles**

Eu tinha uns sete anos. *Esperto demais para a idade*, dizia meu avô, que naquela época ainda era vivo e morava com a gente. Pai do meu pai. E da dinda. Ficava sentado na poltrona, sempre um livro na mão ou uma revista de palavras cruzadas. Virava-se para qualquer um que estivesse por perto e perguntava algo assim: *Torre que transmite os sinais de uma estação de TV, com dez letras. O que é mesmo? Alguém sabe?* Ou, em outras ocasiões, levantava os olhos do livro que estivesse lendo e comentava, para todos, ou para ninguém, algo sobre as atitudes de um ou de outro personagem. Sua preferida era a Ana Terra. *Mulher de fibra!*

Um dia, esse avô que amava livros sentiu uma forte dor no peito. Foi para o hospital e nunca mais voltou. Minha mãe disse que ele tinha virado estrela. E lá do céu ficava brilhando e cuidando da gente. Anjo-estrela. Meus irmãos acreditaram. Eu não. Já sabia das coisas de morrer.

Foi por causa desse meu avô, acho, que me tornei leitor.

E foi por causa de meu pai que me apaixonei pelos Beatles.

Tinha uns sete anos. Ou oito. Não importa.

Entrei na sala e o Pedro Paulo estava lá, como sempre, ouvindo música. Naquela noite, no entanto, algo que não sei direito o que foi me bateu lá dentro e, se antes eu ficava no tapete brincando com meus carrinhos de metal, naquela vez parei para ouvir a batida da

música. Meu pai tão envolvido, tão imerso num mundo que eu desconhecia.

Ele notou minha atenção. *Vem cá, senta do lado do pai. Vamos ouvir Beatles juntos.* Eu sentei bem perto dele. Era meu pai e me convidava para entrar naquele mundo que eu começava a descobrir. Por um tempo ficamos em silêncio, eu ouvindo, e ele cantando baixinho as músicas. Sabia todas. Apesar de serem cantadas naquela língua, que eu achava estranha.

Depois.

Depois começou a me falar dos garotos. A história deles se fazendo num tempo em que eu nem pensava em nascer. As primeiras formações, a entrada de cada um dos músicos definitivos, os primeiros sucessos. A Yoko. Meu pai falava e ia me mostrando os CDs. Possuía todos.

Cabelos estranhos, tinham os garotos. Roupas também. Mas a música, ah, a música. Pedro Paulo se ergueu, disse: *Deixa eu mostrar uma coisa para você.*

Foi até o armário da sala. Abriu as portas inferiores. Tirou algo grande, quadrado, uma foto dos Beatles. Os quatro. Quatro rostos próximos uns dos outros. Cabelos em desalinho. Roupas que mais pareciam ternos, sem paletó. Retirou algo de dentro da foto. Um disco grande, preto, pequeno furo no centro.

— Que CDzão esquisito — eu disse.

— Isto aqui é um LP. Um bolachão, como a gente chamava. Antes a gurizada escutava música assim — e Pedro Paulo passou a me explicar como se ouvia música

no tempo em que ele era garoto como eu. Ele e seus amigos. Ele e a minha mãe. — A cada meia hora mais ou menos, a gente tinha que virar. Cada lado tem metade das músicas do disco. Umas oito ou dez no lado A e outras tantas no lado B.

— Ah, legal. Diferente!

Um universo novo que meu pai partilhava comigo.

Estendeu o LP para mim. Disse:

— Cuida bem dele. Foi do meu pai, foi meu. Agora é seu.

Peguei o disco como quem segura um segredo. Um tesouro. Algo que pudesse se esfacelar em mil pedacinhos, assim, de repente.

— Meu, pai? Puxa.

Fiquei olhando a foto. No alto, bem grande, em letras amarelas, o nome da banda: *The Beatles*. Abaixo, quatro rostos sorridentes e algumas rosas vermelhas. Um dia teria todos os discos dos Beatles, pensei. Um dia seria como o meu pai.

— Obrigado — eu disse.

E não era apenas pelo presente que eu agradecia.

O relógio me informa, finalmente, que é hora de encontrar a DJ. Levanto. Bato portas.

Sigo pela calçada sem olhar para trás.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

● 4

*LEND ME YOUR EARS
AND I'LL SING YOU A SONG*⁴

DIA QUENTE. O Parcão está lotado de pessoas que circulam despreocupadas ou que fazem suas caminhadas de fim de semana. Casais namoram sentados pelos bancos. Amigos conversam. Bicicletas e risos de crianças. Na praça, mães embalam filhos, zelam por eles, como um dia a Inês e o Pedro Paulo fizeram comigo. Eu, que nem filho deles era.

O adotado.

Consulto o relógio. Envio um torpedo para a DJ: *Xeguei. Vc dmora?* O local sempre o mesmo, debaixo do jacarandá, em frente ao lago das tartarugas, onde, certa vez, escondidos, gravamos um coração com nossas iniciais dentro. Lugar do nosso primeiro beijo. Meu celular apita ao receber sua resposta: *To pertu. Naum fog. T amu.*

Sento ao pé da árvore. Poucas pessoas passam à minha frente. Duas tartarugas se equilibram, contra todas as leis da gravidade, num galho de árvore que se debruça

4 "With a little help from my friends" (1967). [N. da E.]

sobre o lago. Pensam que são passarinhos, me lembro da DJ falando. Buscam o sol.

Como eu.

Não sei direito o que dizer para a DJ. No caminho, muito ensaiei, mas não sei mais nada. Ficar longe de casa, da família, significa ficar longe dela também. É preciso, acho, e talvez queira que ela me convença do contrário. Sei lá. Nada importa muito, acho. O que tem importância mesmo, e que vale, é meu namoro com a DJ. Única coisa certa e verdadeira nesta minha vida de mentira.

Mas e se não?

E se eu não tivesse sido adotado? Se fosse um qualquer, solto pela vida, teria encontrado a DJ um dia? Sei lá. Se fosse pra ser, seria. Não? Aquelas histórias de almas gêmeas, destinadas uma à outra desde sempre. As duas metades da laranja. Eu e a DJ somos assim. Acho.

Ela vem. Passo firme, sorriso brilhando no rosto. Me levanto. Ela corre. Nos abraçamos. Nos beijamos.

Olho no olho, mão na mão. A outra alisa meu rosto, fecho os olhos, bom isto. Depois a voz rouca pergunta, suave, como se não quisesse atrapalhar o momento, mas sentisse necessidade:

- Quer caminhar um pouco ou ficar aqui mesmo? Abro os olhos, não respondo. Puxo sua mão. Sentamos.
- Estava louca de saudade.
- Eu também.
- Muito a fim de ver você.
- E eu, então.

— Como estão as coisas na sua casa?

— Sei lá. Tudo muito estranho. Pelo menos para mim.

— E os seus pais?

— Meus pais? — sorriso triste. — A Inês e o Pedro Paulo estão abalados também. Como eu. Dizem que nada mudou. Mas mudou, sim, dentro de mim mudou, DJ. Fico pensando em como cheguei à verdade. Tudo coisa do acaso mesmo. Eles podiam ter me contado, não podiam?

— Podiam. Mas de repente foram deixando, deixando e chegou uma hora que não dava mais. Ou que pouco importava, entende?

— Podiam ter pensado em mim, não podiam? Para mim, era importante saber.

Ela silencia. Junta uma pedrinha do chão. Atira no lago. Desaparece nas águas escuras. Sumir sempre é uma solução. Que na verdade nada resolve.

— Acho que pensaram em você.

— É o que eles dizem... A Maria é a mais indignada. Acha que eu não tenho motivo algum para estar assim. Pode? Para ela é fácil, para quem está de fora é sempre mais fácil. Quando a gente está de fora de uma história fica superfácil argumentar, julgar, resolver tudo de uma forma bem simples. Mas se a gente está dentro, bem dentro, como eu agora, aí são outros quinhentos.

DJ me abraça. Sinto o cheiro de ervas que vem do seu cabelo preto. Bom ter ela assim, pertinho. Se não fosse a DJ, sei lá o que seria de mim. Ir para a casa da dinda

e ficar sem a DJ não vai ser fácil. Talvez nada mais seja fácil, a partir do dia em que a Inês me deu a resposta já esperada, sabida.

— Que bom que você está aqui — digo.

— Que bom que eu estou aqui — diz ela, a minha garota.

Encosto meus lábios nos dela.

Depois.

Puxo-a pela mão. Quero caminhar. Saímos de mãos dadas, eu e a DJ.

[CENA 9] **O beijo**

Desde o dia do poema do Affonso Romano, desde o dia que a nova colega entrou em nossa sala, o rosto dela não me saiu mais da cabeça. Sabia que íamos ser amigos. Naquele recreio mesmo, desci com ela para o pátio e a apresentei para o pessoal mais maneiro: o Cristiano, o Feio, a Deby, a Mônica e a Nina. Logo, logo a DJ já era da turma e aquele seu aspecto estranho, toda de preto, não revelou uma pessoa triste ou depressiva, mas sim uma garota legal. Uma garota por quem qualquer um podia se apaixonar.

E eu me apaixonei.

Não sei direito quando nem como, só sei que desejava que a hora das aulas chegasse só para que eu pudesse ver a DJ, falar com a DJ, trocar informações sobre os Beatles ou poemas com a DJ. Ela também amava os Beatles.

Acho até que foi a Nina quem me deu o toque. Estávamos eu e o Cristiano falando das gurias da aula. Uma por uma. Até que chegamos à DJ. Bah, aí não me con-tive, acho, e foi elogio atrás de elogio. A Nina tocou no meu ombro e falou em tom de segredo: *Olha, Marcelo, vê se disfarça, senão daqui a pouco todo mundo vai se dar conta de que você está muito a fim da DJ.* Eu ri. Eu apaixonado pela DJ? Nada a ver. Nada a ver.

— Nada a ver, Nina — eu disse.

— Ahãh — fez ela. E o Cristiano riu.

O fato é que a observação da Nina me fez pensar. Eu a fim da DJ? Será? Quanto tempo se passou, não lembro, só recordo o dia em que, voltando da casa do Feio, aonde fomos fazer um trabalho em grupo, resolvemos dar uma passada no Parcão. Acho que foi a DJ quem sugeriu. Ela adorava ver as tartarugas tomando banho de sol.

Sentamos debaixo de uma árvore grande, toda pintada de flores lilases.

— Olha que legal, aquela tartarugona se equilibrando no galho. Deve achar que é passarinho.

Rimos. E aí eu disse o que vinha ensaiando desde que saímos da casa do Feio e desde que ela convidou pra ver as tartarugas.

— Você nem sabe o que a Nina falou dia desses sobre a gente.

Ela voltou os grandes olhos negros riscados de preto para mim, como se perguntasse: *O que ela disse?* Eu ri de novo. Só naquele momento me dando conta de que

minha frase, como diria a professora de português, era ambígua. Deixava margem para diferentes interpretações. Quem era a gente? Eu e a Nina ou eu e a DJ? Meu coração disparou. Como eu podia dizer a ela que *a gente* era eu e ela, a DJ? Se ela não gostasse do que eu ia dizer, podia entender mal e, aí, adeus amizade. Mas falei mesmo assim, nunca fui bom em mudar de tática no meio do jogo. Podia inventar qualquer coisa, mas não queria. Queria dizer. E disse:

— Ela falou que eu estou a fim de você. Pode?

DJ ficou séria, só me olhando, lá bem dentro de mim. Parecia ter essa capacidade, parecia notar que meu coração havia disparado.

— Isso só você pode saber, não é?

— É — concordei, voz trancada na garganta seca.

— E aí? — perguntou ela. Os olhos ainda me invadindo.

— Aí o quê? — que pergunta mais idiota eu fiz. Me senti um babaca. É óbvio que eu sabia o que significava o *aí* da DJ. Ah, que vontade tive de sumir, evaporar, desaparecer.

— E aí? A Nina tem mesmo razão? — ela traduziu em palavras o que eu fingi não entender, e aguardava resposta.

— Tem — eu disse.

Ela sorriu:

— Sério?

— Ahã — confirmei e baixei a cabeça. Tinha conseguido. Do meu jeito meio acanhado, é claro, mas

naquele momento não importava. O mais importante é que eu tinha dito para aquela garota que eu gostava dela, gostava mais do que um cara gosta de uma amiga.

Senti sua mão na minha. Ergui os olhos.

— Eu também estou gostando de você — ela disse.

Ela disse? Disse. Disse mesmo. *Eu estou gostando de você.* E disse de forma suave, a mão sobre a minha. Aí eu me aproximei dela, coloquei a ponta do dedo sobre os lábios dela. Ela o beijou. De leve. Aí eu aproximei meu rosto do dela, meus lábios dos dela, senti a respiração dela, o calor dela. Eu amava a DJ. E ela também me amava.

— Eles concordaram? — pergunta a DJ, enquanto paga o picolé de chocolate.

— Sim — confirmo. — O Pedro Paulo ligou para a dinda, e ela disse que eu posso ir quando quiser.

DJ não disse mais nada. Caminhamos um bom tempo em silêncio. Eu, ela e os picolés: limão e chocolate.

— Na verdade, eu ainda não tenho muito certo se vou ou não. Acho que preciso me isolar um pouco. Me afastar de tudo.

— Até de mim?

— Este é o maior problema. Não quero ficar longe de você, mas acho que preciso sair de casa um pouco, organizar as ideias. Sei lá. Mas não fique triste, eu volto.

Ela senta em um banco em frente à pracinha. Crianças andam de balanço, correm pelo escorregador, escalam os ferros, jogam bola. Uma enorme, multicolorida,

vem até meus pés. O garotinho negro pede que eu a jogue para ele. Atendo ao pedido. Ele grita: *Brigado*. Eu sorrio.

— Se você acha que será melhor para você, para a sua família, tem mais é que ir, Celo. A gente se liga, se escreve — ela põe a mão na minha coxa, deita a cabeça no meu ombro. — Mas vê se volta logo, vou sentir saudades.

Abraço-a.

Depois, antes que ela entre no ônibus, entrego-lhe a carta.

Inês está na sala, quando chego.

— Oi, meu filho.

— Oi — respondo. — E o pessoal?

Acho que ela gosta da pergunta. Julga, talvez, que demonstre preocupação com a família. Não será apenas parte daquele tipo de interrogação que só fazemos por fazer, aquelas cuja resposta tanto faz? Perguntas do tipo: *Tudo bem? Tem visto fulano? Será que vai chover?* Essas coisas que vamos perguntando, a fim de encher o vazio que incomoda ou a fim de puxar assunto quando assunto não se tem.

Que tipo de pergunta é a minha?

— Foram para a casa da sua avó.

— E você não foi por quê?

— Não queria que você encontrasse a casa sozinha quando voltasse. A DJ tá bem? — Os olhos azuis me avaliam, desejam trégua. Por isso a pergunta.

Mais uma daquelas.

— Tudo tranquilo. A vó já está sabendo de tudo?

O tudo. Ela e eu sabemos o que é o tudo. E dói.

Eu, o enfeitado.

— Não, ainda não — faz uma pausa, convida: — Senta aqui, meu filho. Estou vendo umas fotos de vocês quando eram bem pequeninos. Olha essa aqui, você tomado de catapora. E essa outra, você vestido de Batman no carnaval na casa da dinda, lembra?

— Agora não. Estou cansado. Vou para o meu quarto.

Deixo ela lá. Ela e suas fotos de família feliz. Ela e as imagens da família que inventou. Sei que sofre.

Eu sofro também.

Entro no quarto que não sinto mais meu. Na parede, a marca de que um dia eu fiz parte do grupo de Liverpool. Passeio a mão pela minha coleção de automóveis de metal. Sei a história de cada um deles, sei quando ganhei ou comprei todos. Eles, cada um deles, têm a sua história. Eu não. Das deles, que nem gente nem bicho são, sei tudo.

Da minha, não sei nada. Ou bem pouco.

O telefone toca uma, duas, três vezes. Inês deve estar esperando que eu atenda. Mas não estou a fim. Se for para mim, não quero falar. Quem quer que seja, pouco me importa. Nada nem ninguém terá algo para me dizer que valha a pena ser ouvido. Nada. Quero a solidão desta noite, mais uma, que se inicia. Quero silêncio.

Passos no corredor. Leve toque na porta, o rosto da Inês:

— É o Cristiano.

— Diga que não estou.

— Já disse que você estava, meu filho.

— Diga que estou no banho ou algo assim.

Ela entra no meu quarto, retira o fone do gancho:

— Cristiano, o Marcelo está no banho. Certo. Eu digo sim. Está, ele está bem, sim — Mente. Sabe que não estou bem. Sabe. — Pra você também. Um abraço na mãe. Tchau. — Então se volta para mim:— Pediu para ligar, quando você sair do banho. Precisa falar com você.

Sacudo a cabeça em afirmação. Ela olha para o vazio na parede.

— Você retirou o quadro dos Beatles? Por quê, meu filho?

— Não eram os Beatles.

— Mas estava tão bacana.

— Os Beatles são quatro. Só quatro.

Ela entende o que digo. Sinto que entende. Senta na cama, ao meu lado.

— Meu filho, você não pode ficar se isolando assim. Liga para o Cristiano, liga.

— Quero ficar sozinho.

Inês insiste:

— Mas, Marcelo.

Olho nos olhos dela. Repito:

— Quero ficar sozinho. Você entende?

Agora é ela quem sacode a cabeça concordando. Levanta, sai sem se voltar. Caminho até a porta.

Passo a chave.

[CENA 10] **Uma exceção**

Eu caminhava apressado, meio atordoado. Não quis pegar o ônibus escolar. Precisava, queria caminhar. O Cristiano ia comigo, também meio desorientado. Ele escutou tudo o que o professor me disse no corredor. Ouviu minha exclamação de surpresa, ainda não entendendo direito o que eu tinha exclamado: *Então, eu não sou filho dos meus pais, cara!*

O professor tinha dito, com todas as letras, todas as vírgulas. Eles não podiam ser meus pais. Tinham olhos azuis e eu, castanhos. Era impossível. O contrário sim, o professor disse.

O inverso sim.

Dizer o que para a minha mãe, ao chegar em casa? Na verdade, não queria chegar em casa, não tão cedo. Não. Adiar ao máximo o momento da revelação. Mas será? Será que ela confirmaria o que me atordoava? Retiraria de mim a dúvida? Mentiria?

Como falar o que eu sabia? Olha, mãe, eu descobri numa aula de biologia que não posso ser filho de vocês.

Não. Não.

Olha, eu descobri que não sou seu filho. Assim, direto, sem pausa ou hesitação. Olhos nos olhos. A senhora confirma? Apresso o passo, é isso. É isso. Assim, sem tempo para que ela possa pensar uma mentira qualquer.

— Marcelo, tudo pode ser uma grande confusão. Apenas isso, cara. Calma. Espera.

Paro.

— Esperar o quê, Cristiano? O professor foi bem claro. Não pode, entendeu? Se olhos azuis não geram olhos castanhos, eu...

— Ele pode ter se enganado, sei lá. Você acha o quê? Que os professores sabem tudo? O seu caso pode ser uma exceção, Marcelo!

Eu, uma exceção. Rio.

— Olha, Cristiano, eu não sou burro. Sou? Eu adoraria ser uma exceção, mas não sou. Não sou.

— Conversa em casa. Deve haver uma explicação.

— Deve. Deve haver. Olha, cara, não fala para ninguém. Não por enquanto. Deixa eu resolver as coisas do meu jeito.

— Fica tranquilo, meu. Cabeça fria, hein?

Saio correndo. Deixo o meu amigo parado no meio da rua a gritar meu nome. Não quero que me veja chorar. Eu não sou eu, e a certeza da descoberta dói demais. Fui enganado esse tempo todo. Fizeram uma piada comigo. E agora, como vai ser? O Cristiano não acreditava nas leis de Mendel. Não acreditava ou também mentia, a fim de que eu não me desesperasse diante da verdade que surgia e me derrubava. Meu celular tocou. Era o Cristiano. Não atendi. Antes de desligar o aparelho, enviei um torpedo dizendo que mais tarde ligaria. Primeiro precisava chegar em casa.

E cheguei.

Não sei quantos minutos fiquei parado diante da porta. Só enfiei a chave, quando o elevador parou no andar e a dona Sofia saiu com uma sacola de

supermercado. Sorriu, me deu bom-dia, perguntou se estava tudo bem.

— Ahã.

Entrei.

Minha mãe ergueu a cabeça e o sorriso foi murchando em seu rosto. Leu, é claro, em minha cara todo o sofrimento que eu sentia. *Mães percebem quando seus filhos não estão bem. Mães sabem tudo.* Ela sempre dizia isso. Sempre. E sempre tinha razão.

— O que houve, meu filho? — ergueu-se do sofá e veio ao meu encontro. Eu a detive com a pergunta, que saiu assim, de supetão, sem censura, sem pensar. Queria que ela negasse, que ela dissesse que eu era, sim, uma exceção.

— Mãe, eu sou seu filho?

Ah, como desejei que ela mentisse, que ela me abraçasse e gritasse para todo mundo ouvir: *Mas que besteira, meu filho. De onde você tirou isto? Que ideia. É óbvio que sou sua mãe. É óbvio que você nasceu de mim.*

Nós nos abraçaríamos e riríamos juntos. Muito.

No entanto.

Retiro a mochila do armário. Jogo dentro dela algumas peças de roupa, material de higiene, um tênis, um chinelo, só. Amanhã pela manhã, vou para a casa da dinda. Preciso. Acrescento alguns CDs dos Beatles, o livro do Salinger, que já li umas quatro vezes e que quero ler uma quinta, uma sexta, sei lá quantas mais. Coloco também um caderno e algumas canetas.

Talvez queira escrever. Sobre mim. Sobre qualquer coisa. Sobre nada.

A professora de português diz que escrevo bem. Vive dizendo. Para ciúme da galera da aula. Menos a DJ, ela parece que não se importa, sempre cheia de si. Gosto disso nela. Também. Essa coisa de nunca se sentir por baixo, mas sem precisar ficar se fazendo de importante. Pego sua foto. Preciso levar algo dela comigo.

Seus olhos riscados de lápis preto me sorriem em meio às árvores de um parque qualquer.

Ponho um CD para tocar. Que mais posso fazer nesta minha prisão voluntária até que alguém me chame para o jantar?

[CENA 11] **O mar**

Imensidão de águas. Ondas que vinham até a praia e voltavam num vai e vem sem fim. Minha dinda me abraçou e me deu um beijo no rosto. Depois apontou para um pequeno objeto que se movia lá longe:

— Olha, Marcelo, lá vai um navio. Vai levando gente para longe. Bem longe.

Eu tinha uns quatro anos. Por aí. E, pela primeira vez, via o mar. Era grande, tão grande, que dava medo.

— E tem tubarão?

Ela sorriu, me puxou para seu colo:

— O mar tem tudo o que a gente possa imaginar, Marcelo. É cheio de segredos.

— É grande! — exclamei.

— É fascinante — disse ela, boca bem perto de meu ouvido, palavras ditas lentamente. — É lindo, o mar. Cheio de mistérios.

— Dinda, o que tem lá, bem lá do outro lado do mar?

— Outro mundo, Marcelo, outro mundo.

Não só o mar esconde mistérios. Hoje cresci e sei disso. Mais do que ninguém.

Ouçó vozes. Eles retornaram da casa da minha avó. Escuto a risada da Maria ao passar rumo a seu quarto e depois tudo se acalma.

Ficam só os acordes de “Eleanor Rigby” dentro de mim.

No final da música, ouço leves batidas na porta. Nós de dedos frágeis. Minha avó. Abro.

— Oi, vó. Entra.

Ela me beija a testa, passa a mão pelos meus cabelos, me abraça forte contra o peito. *Meu querido*, suspira. Depois me afasta um pouco de si e me mede com o olhar, como sempre faz cada vez que encontra cada um dos netos. *Você está quase um homem*, diz. *O tempo passa*.

Passa, vó. E passa depressa. Ainda ontem eu era um menino que não sabia nada da vida. Hoje, estou aqui diante de uma encruzilhada, sem saber direito que rumo tomar.

Sentamos na cama e ela lança seu rol de perguntas rotineiras. A escola, os amigos, a namorada. *Bonitinha, ela. Mas precisa estar sempre de preto, Marcelo? Precisa?*

— É o jeito dela, vó.

— Sei, sei, meu querido. Só que ela é, como é mesmo o nome dela?

— Daniela.

— Pois então. A Daniela é muito bonita. Podia usar umas cores mais alegres. Um batonzinho rosa. Essas coisas de menina que deixam as garotas tão bonitinhas.

Sorriso e digo que não consigo imaginar a DJ diferente. Desde que eu botei os meus olhos nela, ela era assim.

— Foi assim que gostei dela, vó.

— Sim, sim, eu sei. E isto é o que interessa, não?

É, é o que interessa.

— É que nós, os velhos, ficamos sempre querendo ajeitar as coisas. Somos nostálgicos, sabe? Sempre pensando com a cabeça do passado. Por isso fico querendo que as jovens ajam como nós agíamos. Bobagem. Bobagem.

A minha vó ali, ao meu lado, falando coisas que sempre fala, sabendo que eu sei a verdade, porém não demonstrando mudança qualquer em relação ao afeto que sente. E que eu sinto. Estranho isso. Apesar de tudo, ela continua sendo minha avó.

E eu seu neto.

Mas o resto. Ah, o resto.

O tempo passa. Tudo passa, até mesmo as noites mais terríveis.

Coloco a mochila no banco traseiro, sento. Do portão do edifício, minha avó e Ramiro acenam. Maria não desceu, segue magoada comigo. Tem lá suas razões. E eu, as minhas. Levo meu celular, mas o mantenho

desligado. Ainda não é tempo para explicações outras, além das que já dei.

No banco da frente, o Pedro Paulo e a Inês. Ele liga o rádio, ela se volta para trás e pergunta como passei a noite.

— Bem — minto.

O carro arranca. Minha avó abraça Ramiro. A cidade ainda está lenta nesta segunda-feira de novembro. Mais alguns minutos e tudo se tornará uma correria alucinada, em que ninguém conhece ninguém, ninguém se preocupa com ninguém. Eu mesmo querendo me perder. Ou me encontrar?

— Vocês nunca quiseram saber quem eram meus pais verdadeiros? — Pergunto. Assim mesmo. De repente. Desejoso de pegá-los desprevenidos.

Inês volta seu rosto para mim. Pedro Paulo responde sem se voltar, olhos no espelho:

— Nunca.

— Nós somos seus pais, Marcelo. Nós. — Agora é Inês quem fala. Os olhos tornando-se brilho de água. Insisto:

— Vocês me impediram de viver a minha história.

— Que história, Marcelo? — Pedro Paulo pergunta. Fica no aguardo de uma resposta que não vem. Completa: — Nós construímos junto com você a sua história. Não existe outra. Só essa.

— E ela é que vale agora, meu filho — diz Inês.

— Para vocês — respondo.

Meu pai encosta o carro no meio-fio. Volta-se para mim. Há dor naquele olhar. Uma dor que nunca vi no

rosto do meu pai. Ele diz algo que ficará, para sempre, pulsando dentro de mim:

— Você não pode, não tem o direito de nos riscar da sua vida assim, só porque não nasceu de nós. Que diferença isso faz afinal, meu filho? Me diga.

Não falo nada.

Rumino minha mágoa. Penso, penso: o que poderia dizer para que sentissem neles tudo o que vai dentro de mim? Toda a dor de se saber rejeitado. Insisto, ele me chama de injusto. Arranca o carro, não quer que eu perca o horário.

Não dizemos mais nada até chegar à rodoviária.

Um aceno de mão ao entrar no ônibus.

Mais nada.

● 5

*ALL THE LONELY PEOPLE,
WHERE DO THEY ALL COME FROM?* ⁵

ESTOU só sobre o cômodo de areia. Na minha frente, o mar. Nas minhas costas, a casa da minha dinda, onde passei alguns bons momentos da infância. Ela me recebeu com alegria e não perguntou os motivos que me traziam ali, naquele tempo que ainda era de aulas. Nem no almoço, nada me perguntou. Era discreta e, no fundo, eu sabia, queria que eu me sentisse bem em sua casa, sem indagações, sem cobranças, sem palavras que eu não quisesse pronunciar. É óbvio que falaríamos sobre as razões de meu exílio, ela sabia disso, e não se precipitava, tinha a sabedoria e a paciência de esperar pelo meu tempo. Era bom. Por isso eu tinha vindo.

E agora olhava o mar. Olhava as ondas que vinham lambe a areia trazendo segredos sabe-se lá de onde, todos guardados na profundidade das águas. Não para sempre. Qualquer vento, qualquer onda mais forte podia, um dia, trazê-los à tona.

5 “Eleanor Rigby” (1966). [N. da E.]

As leis de Mendel.

Pessoas, poucas, caminham pela beira da praia. Um ou outro homem pescam. Isolados, sozinhos. Eles e o mar.

Eu e o mar.

Existirão ainda aqueles que me geraram e me entregaram para adoção? Que motivos tiveram? Por que fui concebido, se não desejado? Neste momento, estarão se perguntando por onde ando? Qual meu nome? Como estou? Se a Inês e o Pedro Paulo não mentiram mais uma vez, e até acho que não, que motivos teriam? Jamais poderei responder a essas perguntas que a aragem marinha me traz. Para sempre, ficarei com essa sensação de estranheza em relação às minhas origens.

Eu, o estranho.

DJ terá lido minha carta? O Cristiano terá ligado novamente? E o pessoal lá de casa terá se reunido em torno da mesa e falado sobre mim? Pedro Paulo terá retornado para o seu apartamento? E a namorada dele terá gritado, terá brigado? *E daí se o teu filho foi adotado e está em crise? O que eu tenho a ver com isso, hein?* Seguirá dizendo que passou o fim de semana sozinha, ligando e ligando para o celular dele e ele não atendendo. *Que raiva. Que raiva, Pedro.*

No fundo, no fundo, somos todos uns solitários, por isso ficamos nos reunindo em grupos, em família. Por isso inventamos que amamos. Onde já ouvi, ou li, isso antes? Será?

Não, não é bem assim. Eu amo a DJ e não é invenção nenhuma. É verdade. Tão verdade quanto o prazer que sinto ao ouvir a música dos rapazes de Liverpool, tão verdade quanto o vazio que sinto aqui dentro de mim ao olhar este mar enorme. Vontade de enveredar por ele, esquecido dos caminhos de volta.

Uma gaivota foge das ondas à procura de alimento. Um pequeno marisco ou algo assim. Mais felizes são os bichos, com certeza. Vivem apenas para se alimentar e dar prazer para quem os vê. Como eu, agora.

Uma gaivota é lenço branco de adeus sobre as águas. Bonito isso. Repito uma, duas, várias vezes para não esquecer. Quem sabe não pode ser início de algum poema ou de alguma triste história de despedida. Minha professora não diz que escrevo bem?

Uma gaivota é lenço branco de adeus, balbucio, e o vento carrega minhas palavras. Quase não as ouço.

Quase.

Meu pensamento escapa. Voa para bem longe da minha dor. Me ergo, sacudo a areia da bermuda, corro até a beira do mar. Ele, ali, tão grande e tão só, estende suas águas até meus pés descalços. Deixo que ele os lamba, faça carinho. Depois sigo caminhando pelas suas margens, me distancio, me distancio.

Para bem longe de mim.

É quase noite quando atravesso o portão da casa da dinda Letícia. Ela me acena da janela. Abre a porta:

— Estava preocupada com a demora.

— Não tinha por quê. Eu estava só matando a saudade do mar.

Sentamos na rede que ela estende na varanda, um vento frio sopra vindo lá dos lados do mar. Minha dinda me abraça, diz que, quando eu era criança, adorava ficar sentado assim na rede, olhos perdidos na distância. *E fazia cada pergunta, ri ela.*

— Não tantas como me faço hoje, dinda.

Ela passa a mão sobre meus cabelos. Não diz nada, mas seu silêncio é o convite que preciso para revelar a ela o que me vai pela alma. Todo o sofrimento pela descoberta, pela mentira que vivo. Minhas palavras vão enchendo o silêncio da tarde que se vai. *Eles dizem que não faz diferença nenhuma, mas faz, dinda, faz. Não é fácil assim, de repente, a gente desconfiar de algo tão terrível e descobrir que esse algo terrível é a mais pura verdade. Me senti enganado, sabe? Como você agiria em meu lugar? A Maria fica me recriminando, não me entende. Eu até compreendo ela, mas, enfim, não posso evitar o que sinto, posso?*

Quero que ela me diga algo, por isso silencio. Espero.

— Evitar os sentimentos, Marcelo, ah, isso ninguém pode. Não pode mesmo. Todavia, só sentir não adianta nada. A gente tem que tentar entendê-los, sabe? Compreender o que sentimos e por que sentimos. Aí, sim, podemos administrar melhor os nossos afetos, as nossas angústias, as nossas dores.

— Você sempre soube da adoção, não é?

Ela confirma com um sinal de cabeça.

— E, como eles, não deve saber quem são meus pais biológicos, sabe?

— Não, não sei. E poderia dizer a você que isso não tem importância nenhuma. Pra mim, pelo menos, não tem. Pra você pode ser diferente, com certeza. Mas pense um pouco, Marcelo. Aproveite este tempo de distância para pensar se realmente interessa conhecer algo que talvez você nunca fique sabendo. Pense na angústia que isso pode provocar. Quando eu conheci você — seu olhar se perde num tempo que não consigo alcançar — me encantei com seus olhinhos inquietos. A Inês e o Pedro estavam tão felizes, tão plenos com aquele bebezinho que lhes tinha sido entregue. Não tinham dúvida, Marcelo, acho que nunca tiveram, de que você era o filho desejado por eles. Nunca. Nem eles nem ninguém.

— E por que nunca me disseram?

— Por que perder tempo com palavras desimportantes?

— Pra mim era importante saber. Eles é que tinham de me contar e não eu ficar sabendo como fiquei.

— É, talvez tenhamos errado em não contar tudo desde o princípio para você, mas, enfim, o que está feito está feito.

— É, dinda, o que está feito está feito, nada pode mudar, não é?

Ela não responde, apenas me puxa de encontro ao peito e aquele carinho me acalma e, ao mesmo tempo, me faz chorar. Sinto as lágrimas vindo devagar e a dor me tomando por inteiro.

— Chora, meu querido, chora. Chorar lava a alma.
Eu choro.
Como nunca.

[CENA 12] **A catapora**

— Não chora, meu filho, vai passar. Logo, logo vai passar.
Minha mãe se debruçou sobre minha cama, passou um gel sobre as feridas e a sensação de frescor foi, aos poucos, tomando conta de mim. A vontade de coçar era enorme, porém o medo de ficar marcado para sempre era maior.

Meu pai entrou no quarto, colocou um CD dos Beatles para tocar e os acordes de “Love me do” foram me acalmando. Mais que a música, a presença deles ali me deixava seguro de que eu não estava só. Minha mãe sorriu: *Vai passar. E depois a gente ainda vai rir, você vai ver.*

Foi aí que me veio a ideia. Pedi que meu pai pegasse a máquina fotográfica e batesse uma foto minha. Naquela hora não queria me ver cheio de feridas, mas, dali a um tempo, com certeza, iria me divertir muito ao me ver todo *cataporento*.

Fiz pose sobre a cama. Abri um sorriso cuidadoso, louco de medo de que uma boca escancarada demais pudesse machucar alguma ferida mais próxima aos lábios. E a marca. No fundo, mesmo que a gente não queira, e eu não sabia disso naquele tempo, não temos como evitar as marcas do que ocorre com a gente. Jamais.

— Pronto — disse ele. — Agora vê se descansa um pouco.

— Conta uma história pra mim, pai?

Ele foi até a estante, pegou um livro de aventuras, me mostrou com uma expressão no rosto que queria dizer *Pode ser este? Você já leu?*

— Pode ser. Não li ainda, não.

Ele começou. Antes, porém, disse que era um dos melhores livros de aventura que tinha lido quando pequeno: *A ilha do tesouro*. Voz sonora, pausada. E aquele mundo ficcional já começava a me invadir. Lembrei-me do meu avô.

— *O squire Trelawney, o dr. Livesey e os outros cavaleiros tendo pedido para que eu escrevesse sobre a Ilha do Tesouro, lance por lance, do começo até o fim, não deixando nada de fora a não ser a localização da ilha, e isso porque há nela um tesouro ainda não retirado, pego de minha pena no ano da graça de 17..., e recuo até a época em que meu pai possuía a estalagem Almirante Benbow, e em que o velho marinheiro moreno, com um corte de sabre, veio hospedar-se sob nosso teto.*

Nos ouvidos, o ruído do mar.

O mar e seus segredos. E seus tesouros. Como o do capitão Flint.

O dia passou. Sei que Inês ligou para saber como eu estava, se tinha chegado bem. Sei que, certamente, ela se deu conta de que o que a dinda tinha dito era uma desculpa qualquer, pedida por mim, que não

estava disposto a falar com ela. Eu, ali, na sala, ao lado da dinda, quieto, enquanto ela informava que estava tudo bem, que eu saíra para dar uma volta de bicicleta. Minha mãe, quer dizer, Inês, soube da mentira, tanto que não pediu que eu lhe ligasse ao voltar. Sabia. E respeitava.

O ruído do mar é bom sonífero, porém não consegue me abater. Penso em tudo. E em nada. Uma confusão de ideias que vão se atropelando sem me oferecer solução. Uma delas talvez fosse ligar o celular. A DJ pode querer falar comigo. Talvez até já tenha desejado.

Algumas mensagens de texto:

T amu um montaum. Vc tah blz? Da DJ.

Iai kra cualeh. Do Cristiano.

Mi liga qdu xegah manu. Do Ramiro.

E uma segunda da DJ: *Lembra da aula d matmatik? T disarm, Celu.*

Começo a respondê-las.

Ouçõ vozes na sala ao acordar. Uma voz grossa. A outra é da dinda. Saio do quarto. Um homem alto, corpulento, aparência rude, rosto coberto por barba grossa. Tanto ele como minha dinda se voltam para mim. Ela sorri:

— Este é o meu afilhado, o Marcelo. Está passando uns dias aqui comigo.

Eu me aproximo. O homem me estende a mão, que aperta a minha, forte.

— Eu sou o Jordão. Tudo bem contigo?

— Ahãn.

Fico sabendo, meio nas entrelinhas, que o Jordão é o novo namorado da dinda. Ela nunca quis casar, nem ter filhos. *Gosto de ser sozinha*, sempre diz, e, depois, *os homens são muito chatos, sempre cheios de manias e de carências*. No banho, me pergunto se a dinda nunca casou porque nunca se apaixonou de verdade ou se o motivo é esse mesmo que ela dá pra todo mundo. Quem sabe não inventou uma mentira para si também? Só namoro, nada de amor, nada de união, nada de filhos. Pouca decepção, quem sabe.

De mentiras, acho que entendo um pouco.

Quando retorno à sala, Jordão me convida para uma pescaria. Aceito, embora perceba ali o dedo da minha dinda. *Pescaria é o melhor divertimento que conheço*, diz ele, *a gente esquece tudo*.

Duvido.

O homem é daqueles, tipo um amigo do meu pai, que fala pelos cotovelos. Vamos caminhando e ele vai apontando um pássaro aqui, um lixo abandonado na praia ali e segue tecendo comentários sobre a natureza, sobre a poluição, sobre o mar, que diz adorar. *Me criei aqui, sempre com este marzão diante dos olhos. Não consigo pensar em viver longe do mar, não consigo mesmo*.

— A dinda também curte.

— Grande mulher, a sua dinda. Mas e tem jeito de eu fazer ela casar comigo? Não tem. Acho que vamos viver assim mesmo, até cairmos de tão velhinhos — e ri. — Mas eu gosto.

Para. Ajeita os apetrechos, me estende um caniço.

— Dia bom pra peixe — comenta. Me pergunta se já pesquei alguma vez e, sem esperar resposta, vai dando dicas. Que eu sigo.

Quando me dou conta, a manhã se foi.

[CENA 13] **O primeiro CD**

Eu segurava com força a mão de meu pai. Mão grande. Como era grande meu pai, e eu, quando crescesse, queria ser grande assim como ele, forte como ele, bacana como ele. Daí o medo de me perder no meio daquela multidão envolvida com suas compras de Natal.

Ele apertou minha mão. Teria sentido meu receio de virar garoto perdido feito os pequenos amigos do Peter Pan? Não, não queria ir para a Terra do Nunca. Mas, se fosse, tinha certeza de que meu pai me buscaria. Buscaria sim, ele tinha me dito, quando acabou de ler o livro e viu meus olhos cheios de lágrimas.

— Chorando por quê, Marcelo?

Eu, o Ramiro e a Maria deitados na cama de nossos pais, naquela tarde de inverno em que um vento frio uivava e agitava as árvores. Ela meio adormecida. Eu e meu irmão atentos ao desfecho da história. O Peter Pan acabando com o Capitão Gancho e salvando as crianças. Porém o que mais me impressionou foi o fato de os garotos perdidos, assim como a Wendy e seus irmãos, não retornarem para suas casas. Eles ficavam por

lá, não eram levados ao encontro dos pais. Para sempre, perdidos, abandonados.

— Eles não vão voltar pra casa? Vão ficar pra sempre na Terra do Nunca?

Meu pai sabia que eu me referia aos garotos perdidos. Ele entendeu a solidão que aquilo me provocava. Passou a mão pelo meu rosto. Vi segurança naqueles olhos azuis, tão parecidos com os do Ramiro.

— Não fica preocupado, meu filho. Se um dia algum dos meus amados se perder, o pai vai lá, vence o Gancho e traz todos de volta para casa.

— Jura? — os olhos do Ramiro se arregalaram de surpresa.

Eu sorri. Meu pai era ainda mais valente que o Peter Pan. Claro, o Peter era só um menino. Os pais são muito mais corajosos do que qualquer criança.

E foi naqueles dias que antecediavam o Natal que ele me levou pela mão, firme, até a loja de CDs. Paramos em frente ao mostruário. Ele procurou a letra B.

— B de Beatles — sussurrou para mim, como se me confiasse um segredo. Então, pegou um, me estendeu e disse: — Um presente para você começar a sua coleção. Tem uma música muito legal, que fala de mar e de viver uma vida agradável dentro de um submarino amarelo.

Primeiro o discão, agora o CD. Me senti, naquele dia, muito, mas muito mais próximo do meu pai.

E ele, acho, de mim.

Toca o celular. É o Cristiano.

— E aí, meu, é o Cris. Tudo em cima?

— Mais ou menos.

— Por quê?

— Eu não sou uma exceção.

— Não?

— Não. A minha mãe, ah, mãe, sei lá, a Inês confirmou tudo anteontem.

— E aí?

— Fiquei mal.

— E aí?

— Estou na praia. Vim para a casa da minha dinda. Estou precisando pensar.

— No quê?

— Sei lá. Em tudo.

— O que você pretende fazer, cara?

— Não sei ainda.

— Pensa bem, Marcelo.

— Estou pensando, cara. Estou pensando.

Pausa.

— E o colégio?

— Esta semana acho que não vou. Você viu a DJ hoje?

— Normal.

— Alguma coisa importante nas aulas?

— Normal. Só a professora de geografia que deu umas coisas novas.

— O quê?

— Ah, sei lá. Um negócio de fuso horário e o diabo a quatro.

— Sei.

— Então tá. Qualquer coisa me liga. Pode contar comigo. Valeu?

— Valeu. Manda beijo pra DJ.

— Tranquilo. E vê se me liga.

— Tá.

Para quantas pessoas ainda terei que explicar as leis de Mendel e o que elas provocaram em mim? O Cristiano é um cara legal, parceiro. Mas nem todo mundo é assim. Não.

Preciso ligar para o Ramiro. Ele deve estar mal. Pelo menos, tem os ensaios e as visitas ao orfanato para se distrair. E eu, que tenho?

O mar. Só o mar.

Olho para a mochila, ainda não desfeita. Vejo o caderno. Folhas brancas à espera de algumas palavras. Como era aquela frase mesmo? *Uma gaiivota é aceno de adeus*. Era isso? Escrevo na primeira página:

Voa o pássaro branco sobre o mar,
não traz nada, nada leva,
seu bailado é só,
apenas,
um pobre aceno de adeus.

Um diário, talvez, mais do que poemas, resolveria minhas inquietações. Não, não quero falar de mim agora. Queria mesmo era poder escrever meu passado. Penso em algumas cenas da minha vida. Tudo o que foi, ou é, importante.

O quê?

Fragmentos, retalhos, sem ordem de importância. Pego o caderno, vou até a varanda. Minha dinda poda as plantas do jardim. Anoto no alto da segunda folha: *Cena 1*, e começo a me escrever.

Os dias voam, como se fossem gaivotas despreocupadas. Por vezes, o telefone toca, mas eu nunca o atendo. Pode ser alguém que deseje conversar comigo e eu não quero, só quero o mergulho nas cenas do passado, quem sabe assim não possa entender um pouco da história que inventaram para mim? Quem sabe?

Só interrompo a escrita para dividir meu tempo entre quatro atividades:

1. leitura de Salinger, embalada por Beatles;
2. envio de um ou outro torpedo para a DJ;
3. pescaria com o Jordão;
4. conversa jogada fora com a dinda na rede.

Não necessariamente nesta ordem de preferência. Assim vão sendo meus dias.

● 6

LET IT BE, LET IT BE, YEAH.

*THERE WILL BE AN ANSWER, LET IT BE...*⁶

ABRO O ENVELOPE preto. Uma pequena etiqueta branca com o nome do destinatário: o meu. Pela cor do envelope, não preciso conferir o remetente. É ela.

Leio:

Celo, como tá tudo por aí? O mar, que você tanto gosta, tá bonito? Os dias não tão muito pra banho, acho, e, depois, também acho que não foi pra tomar banho que você foi praí, né? Eu tô por aqui, cheia de saudades, tentando aguentar as aulas, mas tá difícil, é só olhar pra sua cadeira vazia e já vem uma baita saudade. Quando é que você volta? Seria legal se esta carta chegasse aí e você já estivesse aqui, bem do meu lado, debaixo da nossa árvore, só olhando as tartarugas tomando banho de sol, como a gente tanto gosta de fazer. Acho que elas também tão com saudades de você, pois, dia desses, passei

⁶ “Let it be” (1970). [N. da E.]

por lá, eu, a Nina e a Mônica, e achei as tartarugas tão tristes... Ficaram me olhando como se tivessem sentindo a sua falta. O jacarandá tá bem florido, o nosso coração tá lá também. E podia não tá?

O pessoal tá mandando lembranças. As gurias e os guris também. Mais ainda o Cris. Como ele sabe de tudo, anda bem preocupado. Vive perguntado como você tá. Ele é um cara legal. E não sei não, mas acho que anda a fim da Nina. Será que rola? No que depender de mim, dou a maior força, porém acho que ela não tá muito a fim, não. Ela é meio indecisa.

Olha, tô me esforçando demais pra escrever uma carta tão linda quanto a que você me escreveu. Adoro cartas. Adoro receber cartas, você sabe bem disto, não? Por isso, ao invés de ligar, resolvi responder, mas tá difícil. A professora de português tem razão sim, você escreve bem demais. E eu amo você. Não, não pense que eu amo você só porque você escreve bem. Ficou parecendo, né? Mas não é, viu? Eu amo você porque você é muito lindo. Por dentro e por fora. E não me interessa se você é uma exceção (o Cris me falou. Achei engraçado. Exceções são sempre poucas e, no mundo, acho que tá cheio de gente como você, mas, enfim, não é sobre isso que quero falar, é que acabo me confundindo toda. Deixa eu fechar logo este parêntese). Bom, como eu tava dizendo, nada me interessa mais do que ver você feliz. E pensa

bem, Celo, pra não causar infelicidade para você mesmo, hein? Tô esperando sua volta. Não me esquece. Sei que a barra tá pesada. Sei que você precisava se isolar de tudo. Sei que não tem nada a ver comigo. Sei tudo isso, mas não consigo ficar enchendo a minha cabeça de grilos e achando que de repente você, sei lá, vai voltar mudado e não vai mais gostar de mim. Eu gosto, viu. Sigo gostando e quero namorar você pro resto da minha vida. E vê se não esquece daquela aula de matemática. Sabe os intervalos? Beijijos. Muitos. E mais ainda. Da tua dj. PS: Ah, pensa nestes versos de uma canção dos Beatles, “The word”. Tua admiração por eles tem de servir para alguma coisa agora, não? Os versos são estes: *Say the word and you’ll be free / say the word and be like me / say the word I’m thinking of / have you heard the word is love?*

O mundo está cheio de pessoas como eu, diz a carta. Cheio.

Tantas vezes leio as palavras da DJ. Tantas quantas as inquietações que ela me provoca. Também amo a DJ. Disso não tenho dúvida. Quero ser seu namorado para sempre. Quero dizer as palavras — *the words* — mais adequadas. Sempre. Penso nas dos Beatles que ela me envia. Recado cifrado, será?

A canção: *Say the word and you’ll be free...*

Traduzo e escrevo em meu caderno. Aos pedaços, dispersos pelos cantos da página. Quem sabe um dia

não se encontram e viram poesia: *Diga a palavra e você será livre. Diga a palavra e seja como eu. Diga a palavra em que estou pensando. Você ouviu que a palavra é amor?*

Será chegada a hora do retorno?

A palavra é amor, cantam os Beatles, diz a DJ.

Tarde de pouco sol. Nuvens cinza vêm, como manto, sobre a areia, sobre as águas. O garoto se aproxima de mim, ergo os olhos, mas ele não diz nada. Prepara seu canção, vagorosamente. Ele tem olhos castanhos. Como eu.

Volto minha atenção para o livro; nos ouvidos, ouço o quarto disco dos Beatles. A música: “Eight days a week”.

Os rapazes sempre foram quatro.

Podiam ter sido cinco. Podiam. Talvez pudessem ter o número que quisessem, tudo mera questão matemática. Mas que fazia uma tremenda diferença. Fazia sim, embora Maria e muita gente julgasse que não.

Olho para o garoto, expressão inocente concentrada no que faz. Se o peixe se deixar fígar, ficará refém daquele anzol. Dor e perda da liberdade que o mar lhe concede. O menino, tão perto de mim e ao mesmo tempo tão longe, não deve saber das minhas preocupações com o peixe que ele pretende pegar. Não lhe interessa nada em mim. Sou um estranho para ele, assim como ele deveria ser para mim. E acaba não sendo.

Fecho o livro e fico torcendo para que nenhum peixe se encante pela oferta perigosa que é feita.

Cada vez que ele puxa o anzol, é momento de expectativa e de alegria.

Para mim.

Até que.

[CENA 14] **O exílio**

Meu pai parou o carro. O mesmo pai que eu tanto queria ser, meu modelo, e que agora é sinônimo de mentira, de traição. Preciso de distância dele, da Inês, da Maria, que nem desceu para me dar tchau, do Ramiro, meu irmão-companheiro, de tudo, de todos. É claro que entendendo as palavras que o Pedro Paulo me atira na cara. Está cansado. Estou complicando a vida dele, o namoro dele. Mas não pedi que viesse, pedi? Não pedi que ninguém me adotasse, pedi? No entanto, eles foram lá e me adotaram. Me escolheram como se escolhe um filhote de cachorro numa feira qualquer só para alegrar, ou fazer média, com as crianças que ficam pedindo, pedindo: *Pai, me dá um cachorrinho*. Comigo não deve ter sido muito diferente. Queriam um filho, foram lá, me escolheram e satisfizeram a vontade. Foi o que disse, assim, num jorro, entre choro e grito.

Choro não só meu. Deles também.

— Quanta injustiça, Marcelo. Quanta — ele disse. E me olhou. E aquele olhar foi lá dentro de mim e me fez ficar querendo pedir desculpa, mas ao mesmo tempo eu me condenava por sentir essa vontade. Quem tinha

que pedir eram eles. Não foram eles que mudaram toda a minha história?

— Vocês não podiam me impedir de viver a minha história. Não podiam — insisto.

— Que história, Marcelo? — havia mágoa, ou raiva, sei lá, naquela pergunta que cavou um buraco em mim. Ele repetiu: — Que história?

— A minha — sussurrei.

Ele se voltou para a frente. Inês também.

— Vamos, senão você vai perder o ônibus.

E arrancou com o carro.

Todos precisávamos do exílio. Acho.

As palavras do meu pai foram as que o vento das lembranças trouxe com mais frequência nesses dias de afastamento, que agora chegam ao seu final. *Quanta injustiça, quanta.* Quero voltar, nem sei bem direito o porquê. Se é pela carta da DJ, se é por vontade mesmo de retorno ou se pela falta da escola e dos colegas, se pela vontade de enfrentar tudo de uma vez e encontrar uma saída. Não sei. Talvez por tudo. Ou por nada.

Coloco as roupas na mochila e meus restos também. O que sobrou desta semana perto do mar. O caderno com algumas páginas escritas de caneta azul, a carta da DJ, o livro do Salinger, meus CDs.

Na sala, Jordão e minha dinda bebem chimarrão. Sento diante deles:

— Vou voltar — digo.

[CENA 15] **Um peixe**

Um peixe fígado no anzol. Obra do acaso, com certeza. O que fez com que aquele peixe, exatamente aquele, num mar tão grande e quase sem fim, estivesse nadando, justo naquele momento, por aquelas águas, por aquele lado do mundo, perto de um anzol com oferecimento fácil de comida? O quê? Podia não estar ali, podia estar nadando sabe-se lá por onde. Todavia, no momento em que o garoto jogou seu anzol no mar, aquele peixe estava por ali, e viu a comida ofertada, e se aproximou sem receio, e fígou, e foi puxado para cima, arrancado das águas, com uma violência sem igual, jamais experienciada. Era um peixe que nadava livremente, não fazia muito tempo. Agora, era presa retirada da armadilha e colocada num balde com água.

Restava-lhe o quê?

Talvez que as mãos daquele menino o devolvessem ao mar. Única saída.

O peixe.

Mas o garoto jogou mais umas duas vezes o caniço no mar. Depois, recolheu tudo. Pegou o balde, prisão do peixe, e se foi. Sem se voltar.

Que vontade tive, então, de correr atrás dele, arrancar-lhe o balde das mãos e devolver o peixe ao mar. O mar, com todos os seus perigos e segredos.

O mar.

O táxi para em frente ao meu prédio. Não avisei ninguém que eu vinha. Não queria expectativas maiores sobre esta volta que eu ainda não sabia direito para que serviria.

Cumprimento o porteiro do dia. Ele me sorri, cordial. Não pergunta por onde andei, nem como estou. Passo em frente à sua mesa, como tantos outros moradores já devem ter passado hoje. Sou mais um. Apenas.

No meu andar, a porta do elevador e a do apartamento de dona Sofia se abrem no mesmo momento. Ela arrasta uma mala enorme e parece ficar meio sem graça ao me ver. Seus olhos fogem, cumprimenta, sorri, tenta ser simpática. Está nervosa. A mala é grande, de couro preto, pesada.

— Quer ajuda? — pergunto.

— Não, não, não, obrigada — e passa por mim, entra na elevador, cuja porta eu seguro. Empurra a mala para dentro. A caixa de metal a engole e fico a olhar os números acendendo sucessivamente até chegar ao térreo.

Estranha mulher, essa dona Sofia. Ela e sua mala de couro preto.

Entro em casa.

A sala está vazia.

Ouçõ ruídos vindos da cozinha. Inês prepara o almoço, decerto.

Atravesso a sala, vou para meu quarto. Preciso pensar as palavras certas para a minha volta.

Existirão?

Jogo a mochila sobre a cama. Abro as cortinas. Escorada na parede, a moldura vazia da imagem que sempre

a preencheu espera. Como eu, como todos os habitantes desta casa. As palavras da dinda: *Pensa bem, Marcelo. É a sua vida.* O abraço do Jordão. A carta da DJ.

Mando um torpedo pra ela: *Minha linda, estou de volta. Quando chegar da aula, me liga. Beijos, Celso.* Não uso abreviaturas, escrevo usando a língua padrão, como diz a *sora* de português. Quero estender o tempo, talvez. Quero todas as palavras necessárias.

Lembro-me do meu caderno de cenas. Tantas que merecem registro. Releio o já escrito, quem sabe não me descubro nas entrelinhas do que eu mesmo escrevi. *Você escreve bem.*

Será?

Um CD dos rapazes de Liverpool. Preciso me reconhecer nas letras, na sonoridade dos quatro, como um dia, pequeno ainda, quis, junto de meu pai, na sala ou em uma loja qualquer.

Escrevo.

Talvez, atraída pelo som dos Beatles, minha mãe abre a porta devagar. Sorri pra mim. Eu retribuo o sorriso.

— Que bom que você voltou, meu filho — e fecha a porta, que já não sinto como muro de isolamento.

Estranho.

[CENA 16] **As barrigas**

Na parede do corredor, em frente à porta da sala, a professora organizou o painel com as fotos das mães

grávidas. Todas, ventres enormes, expostos aos comentários daqueles que passavam. Aquelas coisas de “como tua barriga ficou linda, parecem dois”, e por aí vai. As mães de meus colegas todas ali, e eles, com certeza, dentro delas, sendo gerados, acalentados, ninados em sonhos. Cada um maior que o outro. Cada qual mais belo.

Só a minha mãe não era como as outras. Só a barriga dela não era visível. Uma foto minha, eu bebê, roupinha de lã azul, em seu colo. Uma alegria enorme estampada naquele riso de primeira maternidade. Linda. Porém a ausência da barriga era o que chamava a atenção.

Eu, mão estendida para a professora, dando-lhe a explicação que me fora dada em casa:

— A mãe perdeu as de barrigão. Só tem essa: eu, bebezinho, e ela.

Ela podia ter me entregado uma foto grávida de um de meus irmãos. Podia. Mas não o fez.

Falei um tempão com a DJ por telefone. Combinamos encontrar o pessoal no bar no início da noite. Estão todos com saudades. Eu também. Almocei com a Inês, a Maria e o Ramiro, sem que ninguém tocas-se no motivo do meu exílio. Olhando, assim, de fora, tudo parecia normal.

Olhando, assim, a distância, como faço agora, para estas crianças que sobem no colo de meu irmão e de seus amigos do teatro, elas também parecem normais. Mas não. Ou sim? Todas abandonadas, no aguardo de que alguma alma caridosa venha lhes trazer carinho, além

de comida. Até quando? O tempo passa para elas. E rápido. O Ramiro me dizia no trajeto que cada dia a mais é um a menos na possibilidade de serem adotadas, queridas por alguém. Terrível matemática. E se não forem loiras, e se não tiverem olhos azuis, como eu, pior ainda. As chances de ficarem ali toda a infância são maiores. Bem maiores.

Isso é o que o Ramiro me diz. Ele, tão jovem, e já tão comprometido. Leu numa reportagem. Sabe. E, agora, me sorri e me chama com os olhos: *Vem, mano, vem.*

Há alegria no rosto daquelas crianças.

Eu vou.

Na frente do edifício, dona Sofia sai de um táxi. Não traz mais a mala. Entra apressada, como se não desejasse ser vista. Não segura o portão para nós, talvez queira manter maior distância.

No elevador, conto ao Ramiro sobre a mala preta.

— Era enorme. Preta, de couro. E ela ficou toda atrapalhada quando me viu.

— Uma mala grande — Ramiro fica pensativo. — Será que a dona Sofia tem algum segredo?

— Sei lá. O que sei é que cabia tranquilo dentro daquela mala algo bem grande. E estava pesada.

— Cabia um corpo?

— Só se fosse bem dobrado — digo.

— Ou cortado em pedacinhos.

Um arrepio me invade.

— O que você está pensando, Ramiro?

Ele ri. Diz que eu ando lendo demais, aí fico imaginando bobagens. Eu? Quem sugeriu que poderia haver um corpo picado em pedaços dentro da mala de couro preto foi ele, não eu.

Quando entramos no quarto, Ramiro ainda ri. Todavia, aquele estranho episódio não me sai da cabeça. Parece mistério para o Maigret ou o Sherlock Holmes decifrarem.

A mala.

Pego o quadro sem imagem. Não sou de Liverpool, já sei. Os garotos eram quatro. Só quatro. Mas quem é que garante mesmo que a matemática é precisa? Por vezes, dois mais dois não podem ser cinco?

Dois mais dois são cinco.

No meu caso, pelo menos.

E antes de sair para o encontro com minha turma, pego meu caderno e escrevo a cena 17. Preciso encerrar este pedaço da minha história, para que uma outra possa surgir. Quem sabe uma mais fantasiosa, em que uma senhora respeitável torna-se assassina, picota a vítima dentro de seu próprio apartamento, depois envia os restos sabe-se lá para onde. Um garoto percebe. Sangue no tapete do corredor. E aí...

Dá uma boa história. Acho.

Afinal, não dizem que eu escrevo legal?

Então.

Então vamos à cena 17. Ela é que interessa agora. Apenas ela.

[CENA 17] **O abraço**

Entro na sala, os quatro estão lá. Sem dizer nada. Não é preciso. Eu e eles sentimos. Abraço meus pais e meus irmãos. Rimos e choramos juntos. Tudo ao mesmo tempo. Cena de comercial de margarina.

E daí?

Não me importa mais que eles tenham olhos azuis. Nem que a namorada do meu pai fique sem ele mais um fim de semana. Ou que ervilhas amarelas só produzam ervilhas amarelas.

Mendel que se exploda com suas leis.

Somos cinco.

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida

#aliteraturanosmove #fiqueemcasa  divulgação proibida



CAIO RITER é professor e doutor em Literatura Brasileira. Vive em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, onde nasceu. Publicou seu primeiro livro em 1994 desde então, lançou mais de quarenta títulos infantojuvenis, muitos deles premiados. Entre outras coisas, gosta de sonhar histórias e transformá-las em palavras. Com este título, ganhou o 1º Prêmio Barco a Vapor da SM Brasil.

FONTES Unit Rounded e Augereau

PAPEL Offset 90 g/m²